

RUSSIA: O ENIGMA

Coletânea – P.Timm Org. – Uso em sala de aula 2016

Índice

Introdução – Simone Assis

1. A VELHA RÚSSIA SE REVIGORA. PUTIN CHORA...

– Paulo Timm – 2012

2. O Fim da União Soviética - Natacha Bordin Pastore -

3. A Guerra Fria por outros meios – R. Amaral

4. O Discurso de Putin em Sochi – 2014 fev

5. S.Petersburgo, no coração dos acontecimentos –

Pepe Escobar

6.Lo que Putin no nos cuenta - Pepe Escobar

7.Russia Is Breaking America's Oil Price Monopoly - F.

William Engdahl

8.Preço do petróleo: Rússia quebrará o monopólio de

Wall Street F. William Engdahl

**9.5 Reasons Why Leftists Should Defend *Russia*- Eric
Draitser**

10.Putin e o MURO contra o mal ocidental (NWO) -

Olivia Kroth

**11.Rússia – Um caso histórico de ocidentalização
induzida - Paulo Timm**



Introdução

Simone Assis – FB 14 jan. 2016

Análise do jornalista francês Michel Collon, sobre o papel da OTAN no mundo de hoje.

https://www.youtube.com/watch?v=h_3CCY3HJds&feature=youtu.be

É agradável quando você chega a uma conclusão e a vê depois partilhada por pessoas que você respeita. É o que se dá com a opinião de Bill Engdahl no artigo. (Engdahl não foi o primeiro a endossar esse entendimento.) Há alguns anos concluí que o imperialismo dos EUA se assenta basicamente em dois pilares:

- a) o dólar moeda mundial e
- b) o poderio militar construído com base neste dólar, não menos através de fundos secretos (slush funds) que propiciaram construção de cerca de 1800 bases militares espalhadas pelo mundo.

Em suma: derrubado o "privilège exorbitant" (d'après Giscard D'Estaing) do dólar moeda global, o império desmorona.

O que mantém principalmente o dólar como a moeda planetária é a fixação em dólar do padrão petrodólar(em óleo papel) de preço do petróleo (Brent), por consórcio dos mais poderosos banqueiros e especuladores de Wall Street. (Pode ser que este fato explique o loucamente baixo preço corrente do petróleo: eu penso que é especulação, sim.)

Bill Engdahl (Artigos nos. 7 e 8 deste coletânea) escreve que a adoção do preço do petróleo russo (a Rússia é o maior produtor mundial) em rublo e, ao mesmo tempo, a decisão chinesa de cotar o preço do petróleo que importa em yuan significarão golpe devastador sobre o dólar reserva internacional.

Pepe Escobar, sobre o falecimento do petrodólar, contudo, adverte:

"O problema é que os Masters of the Universe prefeririam lançar a guerra nuclear a perder sua hegemonia".

Também pensei isso. Mas a verdade é que o mundo tem que andar... A meu ver, este é um excelente artigo. O Brasil, em conjunto com seus parceiros BRICS deveria adotar o mesmo caminho. "Mas está internamente muito mais cooptado politicamente pelo capital Anglo-Americano." (Leonardo Bonelli Wetzel)

1.A VELHA RÚSSIA SE REVIGORA. PUTIN CHORA...

Para onde penderá a Rússia no Século XX: Razão Ocidental ou Apelo Asiático?

Nota do autor: Este artigo com ilustrações está publicado em <http://sul21.com.br/jornal/2012/03/a-velha-russia-se-revigor-a-putin-chora/>

A eleição de Putin na Rússia, com 64% dos votos, para um terceiro mandato, coloca este país, de novo, na berlinda das atenções internacionais. Em discurso de comemoração na Praça Vermelha, o líder chorou... Dizem muitos: mais por causa do frio reinante do que por emoção... Tolstoj, entretanto, se registrasse o fato, se colocaria no lugar de um homem simples que o observa da vala comum do anonimato. E nos falaria do espanto deste homem ao aperceber-se de que Putin, O Grande, chorara...



Na vastidão russa, a vocação do Grande Império

A Rússia é, territorialmente, o maior país do mundo, estendendo-se da Europa à Ásia, tocando de longe as Américas, para onde enviou, no século XVIII uma famosa missão que acabaria colonizando o Alasca e que se estendeu até a Califórnia, com lances romanescos no casamento do coronel comandante da missão com uma jovem e bela filha dos dirigentes locais.

Apesar da vasta geografia, a população russa não lhe corresponde em tamanho – (116 milhões no ano 2005) , o que contribui, certamente, para os bons índices sociais que apresenta, praticamente sem analfabetos e com um elevado IDH:

Composição da População: russos 80%, tártaros 4%, ucranianos 2%, chuvaches 1%, outros 10% (2002).

Idioma: Russo (Oficial), chuvache, calmuco, chechene.

Religião: Cristianismo 76,2% (ortodoxos 75,0%, católicos 0,3%, protestantes 0,9%), islamismo 5%, judaísmo 0,2%, outras 8,0% (maioria ateista) (1995).

População urbana: 74% (2010)

Crescimento demográfico: -0,2% ao ano (2002-2010)

Taxa de fecundidade: 1,54 filhos por mulher (2009)

Expectativa de vida: Homens 63 anos e mulheres 75 anos 2010

Mortalidade infantil: 7,5 por 1.000 2010

Analfabetismo: 0,6%(2000)

IDH: 0,817 (2008)

A Rússia tem as maiores reservas de reservas de recursos minerais e energéticos do planeta, principalmente gás e petróleo, que fornece à Europa. É parte do G8 – Grupo das grandes potências mundiais – e do Conselho de Segurança da ONU com direito a veto, graças a decisiva atuação na II Guerra Mundial . Daí retirou o conteúdo moral que a redimiou do vergonhoso [Tratado Ribentrof/Molotov](#), em 1939 , que firmou com Hitler e que resultou na partição da Polônia, culminando no criminoso episódio conhecido como [KATIN](#), já nas telas. E com isso – sua resistência à invasão alemã e posterior ofensiva , que a levou triunfante às portas de Berlim, antes dos Aliados Ocidentais – , projetou uma poderosa influência no mundo inteiro, através do que se convencionou denominar como Movimento Comunista Internacional, mesmo depois da liquidação formal do [KOMINTERN](#), pautado pelo princípio do INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO. Este consistia na *defesa intransigente* da União Soviética como baluarte da Revolução pelos comunistas do mundo inteiro. (Eu, inclusive...) Talvez por isso, até hoje, mesmo depois do fim do império soviético e da remontagem de uma nova economia de mercado dominada por verdadeiras gangues, supostamente oriundas das estruturas viciadas do aparatchik anterior, a esquerda vibre com algumas iniciativas anti-ocidentais do Governo Russo. Ecos de um passado mais do que remoto. Perdido...

Hoje a Rússia faz parte do BRICA (Brasil, Rússia, Índia , China e Africa do Sul) , o bloco das economias emergentes de maior projeção para as próximas décadas e cujo crescimento parece ludibriar a gravidade da Crise Econômica que se abateu no mundo depois de 2007/8.

A eleição de Putin foi – Até as calçadas sabem! , como diria o Ministro Gilmar Mendes – marcada por fraudes, num sistema eleitoral atrasado, com cédulas de tamanho descomunal e com a liberalidade eleitores votando, várias vezes, em qualquer seção eleitoral, no denominado “carrossel”. Mas a vitória de Putin é um fato irrecorrível. Ele “é o homem! “, daquele lado do mundo. Recapitulando:

À medida que a influência de Boris Yeltsin ofuscava a de Mikhail Gorbachev no poder na Rússia e a desintegração dos regimes de ideologia socialista no Leste Europeu avançava, após a queda do Muro de Berlim em 1989, desencadeou-se a dissolução pacífica da União Soviética 1991 e a independência da

Federação Russa.

“Em 1993, a Duma se rebelou contra a liderança de Iéltsin e se recusou a aprovar as normas constitucionais que outorgavam amplos poderes ao executivo. O prédio do parlamento russo acabou bombardeado por tanques, por ordem do presidente.

Em 1995, a República Autônoma da Tchetchênia, rica em petróleo e passagem obrigatória de oleodutos, proclamou a independência. Rebeldes pegaram em armas e começaram a enfrentar autoridades russas utilizando táticas de guerrilha. Yeltsin enviou as forças armadas para combatê-los, mas as guarnições numerosas e os tanques grandes, pesados e lentos não conseguiam penetrar nas montanhas da região, de relevo acidentado. Assim, o conflito causou grande número de baixas entre os soldados russos, o que minou a popularidade do presidente.

Em 1999, Iéltsin nomeou seu primeiro-ministro e herdeiro político Vladimir Putin como vice-presidente. Putin lançou-se candidato à presidência. No dia 31 de dezembro, renunciou de surpresa, fazendo de Putin imediatamente o novo presidente, mesmo antes das eleições. A tática funcionou e Putin recebeu o respaldo posterior nas urnas.

Em 2004, Putin foi reeleito para o cargo.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_R%C3%AAssia)

Putin elegeu-se, pois, em 2004, depois de quatro anos de efetivo poder e desde então se encontra no comando da Federação Russa, realizando três grandes proezas: ESTABILIDADE POLÍTICA, SEGURANÇA INTERNA E PROSPERIDADE.

Estabilidade, no sentido de impor uma nova ordem fundada sobre a Lei, mesmo ao preço de uma realidade social extremamente desagregada pelo fim do regime socialista, quando foram eliminados muitos benefícios sociais e cortados programas de investimento governamental .

Segurança, no sentido de não só impor a Lei e um conjunto de instituições de um Estado Democrático no plano interno, mas também , no de conter a sangria dos desmembramentos políticos , cuja insistência , como no caso da Chechênia levava ao terror e à insegurança.

Prosperidade, na capacidade de ter Putin sabido, como de certa forma Lula o fez, no Brasil, de aproveitar a maré alta de preços das commodities, paralela à emergência da China e Índia no cenário mundial, para se transformar no segundo maior exportador de petróleo do mundo e reequilibrar a economia com uma certa estabilidade de preços e bons indicadores de crescimento.

Posição	País	Exportações líquidas em milhares de barris por dia
1	Saudi Arabia	6354
2	Russia	5388
3	Iran	2115
4	Nigeria	2092
5	United Arab Emirates	1956
6	Iraq	1875
7	Angola	1820
8	Norway	1752
9	Kuwait	1350
10	Mexico	1312
11	Libya	1297
12	Kazakhstan	1291
13	Venezuela	1270
14	Algeria	1252
15	Qatar	975
16	Canada	685
17	Azerbaijan	597
18	Oman	584
19	Equatorial Guinea	395
20	Sudan	364

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de EIA (2011).

Com isso, Putin começou a recolocar a Rússia como um poderoso ator no concerto de poder mundial. Hoje é o país que conduz em suas naves os próprios americanos à estação orbital, além de dar-lhes acesso, com seus quebra-gelos, ao continente Antártico. Usou seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, no caso da Síria, e resiste a apoiar sanções da ONU contra o Irã. Reforça, com isso, suas velhas alianças com países da Ásia, posicionando-se, dessa forma, diante da grande ofensiva – geopolítica e militar – em curso na região, tanto pelos Estados Unidos, como pela China. Com este país, aliás, procura reatar os canais de comunicação, pouco afinados desde a crise de fronteiras na década de 60 do século passado. Como potência nuclear e o quinto maior exército do mundo a Rússia não só é um importante ator nas Relações Internacionais, como abre mercados (legais e clandestinos) de assessoria e venda de armas, tanto convencionais, numa etapa de forte rearmamento da Ásia, como nuclear.

Mas qual a importância ou significado da Rússia para o Brasil?

Rigorosamente, muito pequena, tirando o fato de que a Rússia é um importante importador de carnes do Brasil, hoje sob regime de sanção em decorrência das tentativas deles impulsionarem seus rebanhos próprios. Curiosamente, porém,

sempre olhamos a Rússia como um país muito antigo, à semelhança de outros países europeus. Nem tanto! Embora a formação do Estado Russo tenha passado por várias fases, com distintas predominâncias étnicas, sempre influenciado pelo Império Bizantino e pela Igreja Ortodoxa, ele data do século XIII.

“Em 988 a região adotou o cristianismo, com a oficialização do batismo de habitantes de Kiev por São Vladimir; e, alguns anos depois, foi introduzido o primeiro código de leis, chamado de “Russkaya Pravda”. Quando comparada com as outras línguas da Europa cristã, nota-se que a língua russa foi pouco influenciada pelo grego e pelo latim dos primeiros escritos cristãos. Isto foi graças ao fato de que o idioma eslavo (hoje chamado de Eslavo Litúrgico) foi diretamente usado na liturgia desde então.

O nome “Rus”, que deu origem a “Rússia” provavelmente vem da palavra finlandesa “Ruotsi” e da estoniana “Rootsi”, que por sua vez derivam de “Ródr”, remadores. No finlandês atual, “Ruotsi” significa Suécia. O significado de Rus é tema de debates, mas a versão mais aceita é de que era uma forma comum de os vikings se autodenominarem quando viviam fora de sua terra natal, em companhia de outros povos”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_R%C3%AAssia)

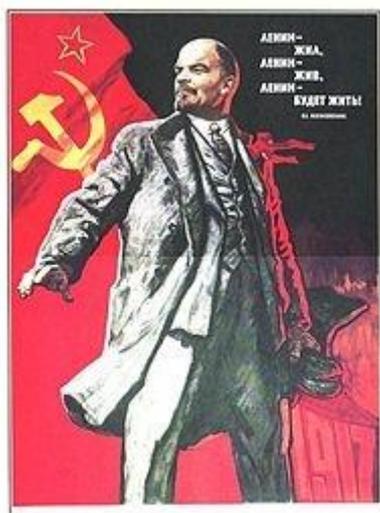
A formação do Império Russo mais moderno é pouco anterior ao Descobrimento do Brasil, quando Moscou expulsou os mongóis- tártaros que dominavam toda aquela região até a fronteira com o Danúbio. Durante séculos a população no vasto país, com núcleo central eslavo homogêneo, vegetou na miséria sendo massacrada em sucessivas guerras movidas por ambiciosos Czares. Vinte milhões de russos, por exemplo, pereceram na II Guerra Mundial.

“O Império Russo, maior império e maior estado nacional de todos os tempos em área (pois em proporção ao mundo conhecido da época, o maior foi o Império Persa) foi fundado no século XIV, com a derrota dos tártaros na batalha do rio Ugra. Sua raiz foi principado de Moscou, que liderou o processo de formação do futuro Estado russo. Expandiu-se até ao Oceano Pacífico entre os séculos XVII e XIX e foi derrubado pelas revoluções de 1917, a segunda das quais culminou no estabelecimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Geralmente o termo Império Russo é utilizado para se referir ao período de tempo da história russa que começa com a expansão iniciada por Pedro I (do Báltico ao Pacífico) até o reinado de Nicolau II da Rússia, deposto pela Revolução Russa de 1917. O Estado russo foi oficialmente nomeado Império (em russo: Росси́йская Импе́рия) de 1721 a 1917.”

Dizia-se, há alguns anos, como blague, que tínhamos uma característica comum com a Rússia, além da alegria contagiante: Somos os únicos povos que saem à rua de pijama para comprar pão de manhã cedo, ou no fim da tarde, para ir ao Bar mais próximo...Nós , com um cavaquinho debaixo do braço; eles com a balalaika... Na verdade, as diferenças que nos separam da

Rússia são muito maiores do que as afinidades. Uma delas, aliás, é a característica comum da grande dificuldade para absorvermos, internamente, as inspirações liberais do Ocidente. Aqui no Brasil, todos somos, “de esquerda”, daí advindo, talvez, a facilidade de aglutinação de tamanha “base aliada” em torno do PT. Na Rússia contemporânea, todos são fanaticamente patriotas e estatizantes, mesmo o milionário supostamente liberal que concorreu com Putin. Não dispomos, em ambos os casos, de um leque de clivagens ideológicas como fundamento da ação política. Temos, também, Rússia e Brasil, uma certa ambigüidade frente ao Ocidente. Aqui, fruto de nossa imersão na América Latina de fortes raízes indígenas, sempre oscilamos entre os apelos de Bolívar e O’Higgins, entre Marti e Sarmiento, entre Manoel Garcia Maques e Fernando Henrique Cardoso, entre o realismo mágico e fantasia do real. Lá, os russos oscilam entre Europa e Ásia. Pedro o Grande, fundou S. Petersburgo, no início do Século XVIII como uma janela da Rússia aos ideais europeus, cultivados mais tarde na “intimidade” de Catarina II com filósofos franceses, mas a nobreza evitou cortar as longas barbas como determinava o grande Czar. Lênin cumpriu os objetivos últimos da Revolução Francesa, em 1917, sob os auspícios do iluminismo marxista, e lançou as bases de um Estado Secular com grande senso prático quanto à reorganização econômica (NEP), mas Stalin o sucedeu dando à doutrina e a este Estado um acento asiático. Gorbachev, na Perestroika, namorou de novo o Ocidente e liquidou o Império do Socialismo Real, mas Putin, o corrige com um ranço anti-ocidental visível nos seus olhos que espelham uma alma ancorada no passado.



Com maior ou menor sotaque europeu, a verdade é que a Rússia condicionou o mundo no século XX e ainda projeta sua importância em vários campos da Política, da Economia e da Cultura. É hoje um imenso país com vocação para o exercício da hegemonia mundial devendo, nas próximas décadas, quando o mundo estará às voltas, novamente, com uma Guerra Fria (?) entre dos grandes blocos – Ocidental x Asiático – ser tão decisiva quanto o foi na II Guerra Mundial. Ninguém, porém, aposta, com absoluta certeza, para onde ela penderá: Se pelo sendeiro modernizante de Pedro Grande, Lenin e Gorba, ou, ao contrário, pelo âmago profundo de suas estepes encravadas na Ásia.

2.O Fim da União Soviética



Por Natacha Bordin Pastore

Posted: 11 Aug 2014 -

Fonte: http://natachapastore.blogspot.com/2008_06_01_archive.html

Motivos fundamentais para o fracasso da URSS na década de 80, do século passado.

Primeiramente, Stálin aboliu a NEP e criou os planos quinquenais. Neles eram estabelecidas as metas da [economia](#) russa em um prazo de cinco anos. De forma geral, Stálin priorizou o desenvolvimento industrial dando maior ênfase na expansão das indústrias de base (mineração, máquinas e energia). Com o alcance de números positivos, os planos quinquenais posteriores buscaram desenvolver os demais aspectos da indústria nacional.

A queda do governo de Stálin trouxe à tona uma série de [transformações](#) que abriu portas para o fim da centralização política promovida pelo stalinismo. Nesse período, os problemas gerados pela burocratização do governo soviético foram piorando a situação social, política e econômica do país. A estagnação econômica pode ser uma tendência dos países socialistas, mas não foi o fator para acabar com a União Soviética. A Guerra Fria, feita de competições entre a URSS e os EUA exigia diversos investimentos econômicos. Ao mesmo tempo em que essas forças antagônicas se confrontavam internacionalmente, dentro da URSS, o final dos anos 50 e início dos anos 60 presenciaram alguns dos momentos mais prósperos do país. Ocorreram algumas melhoras na oferta de produtos para o consumo da população, aumento da oferta de moradias e, grande glória soviética, a saída

na frente na corrida espacial: o lançamento da primeira nave espacial não tripulada (o Sputnik), o lançamento do primeiro ser vivo no espaço (a cachorrinha Laika) e, pouco depois, o lançamento do primeiro cosmonauta, Yuri Gagarin, que voltou são e salvo. Os investimentos com a guerrilha competitiva com os EUA continuavam...

Na política mundial, a URSS mostrava seu poderio militar e a [capacidade](#) de influência ideológica, opondo-se aos EUA onde quer que a Guerra Fria assim demandasse. Dessa forma, assiste-se à Guerra da Coreia, à Crise dos Mísseis em Cuba, à construção do muro de Berlim e ao recrudescimento do conflito do Vietnã. A indústria bélica soviética, impulsionada pela corrida com os EUA, crescia a passos largos, desenvolvendo armas, bombas atômicas e de hidrogênio cada vez mais poderosas e sofisticadas. Esses gastos consequentes da briga que comprou com o país norte-americano comprometeu duramente a estrutura econômica soviética e deixou evidente algumas deficiências e distorções estruturais da sociedade soviética e a necessidade de reformas urgentes.

No ano de 1985, o estadista Mikhail Gorbachev assumiu o controle do Partido Comunista Soviético com idéias inovadoras. Entre suas maiores metas governamentais, Gorbachev empreendeu duas medidas: a perestroika (reestruturação) e a glasnost (transparência). A primeira visava modernizar a economia russa com a adoção de medidas que diminuía a participação do Estado na economia. A glasnost tinha como objetivo abrandar o poder de intromissão do governo nas questões civis. A ação renovadora de Mikhail Gorbachev criou uma cisão política no interior da União Soviética. Alas ligadas à burocracia estatal e militar faziam forte oposição à abertura política e econômica do Estado soviético.

Em esfera internacional, a União Soviética buscou dar sinais para o fim da Guerra Fria. As tropas russas que ocupavam o Afeganistão se retiraram do país e novos acordos econômicos foram firmados junto aos Estados Unidos. Logo em seguida, as autoridades soviéticas pediram auxílio para que outras nações capitalistas fornecessem apoio financeiro para que a nação soviética superasse suas dificuldades internas.

Em contrapartida, um grupo de liberais liderados por Boris Ieltsin defendia o aprofundamento das mudanças com a promoção da economia de mercado e a privatização do setor industrial russo. Em agosto de 1991, um grupo de militares tentou dar um golpe político sitiando com tanques a [cidade](#) de Moscou.

O insucesso do golpe militar abriu portas para que os liberais tomassem o poder. No dia 29 de agosto de 1991, o Partido Comunista Soviético foi colocado na ilegalidade. Com a proibida atuação do Partido Comunista, e os presidentes da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia decidem pelo fim da URSS. E foi em 1991, em meio a uma grave crise do que se passou a chamar “socialismo [real](#)”, a União Soviética deixava oficialmente de existir e Gorbachev dá a notícia ao mundo. Na verdade, o esfacelamento do país já havia começado um pouco antes, durante o golpe conservador do PC, quando as repúblicas bálticas da Estônia, Letônia e Lituânia declararam independência. Em 25 de dezembro de 1991 tem

fim a URSS, fazendo surgir 15 novos países.

A URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) segundo alguns, foi um pesadelo de autoritarismo e opressão, a "maior inimiga do Ocidente". Entretanto por muitos, durante décadas, foi considerada um país onde a classe trabalhadora governava em condições dignas de vida," a utopia operária".

3.A Guerra Fria por outros meios

O conflito sobrevive ao fim do império soviético e o anti-comunismo sobrevive ao comunismo. Ao preço da derrubada de governos democraticamente eleitos

[Roberto Amaral](#) — publicado 12/03/2014 - Carta Capital - Sociedade

“Na medida em que violar a soberania está em causa, a Rússia deveria salientar que os EUA invadiram o Panamá para prender Noriega, invadiram Granada para impedir os cidadãos americanos de serem tomados como reféns (mesmo que eles não tenham sido tomados como reféns), invadiram o Iraque por motivos espúrios alegando que Saddam Hussein tinha armas de destruição em massa, e agora matam pessoas em outros países com drones, etc, etc. Em outras palavras, para os EUA, pregar a um presidente russo sobre o respeito pela soberania e preservação da integridade territorial pode parecer uma reivindicação de direitos especiais não permitidos a outros.”

Jack Matlock, ex-embaixador dos EUA em Moscou

<http://jackmatlock.com/2014/03/ukraine-the-price-of-internal-division/>

O fato objetivo é este: a Guerra Fria sobrevive ao fim do império soviético e o anti-comunismo sobrevive ao comunismo, ainda que ao preço da derrubada de governos democraticamente eleitos e do açulamento de turbas fascistas e neonazistas, e antissemitas – paramilitares e terroristas – como as que em Kiev depredaram e incendiaram prédios públicos e, por fim, espalharam o caos em toda a Ucrânia. Ação preparatória do golpe de Estado imediatamente chancelado por Washington e Bruxelas, que o apoiaram nas sombras, como

apoiam os distúrbios na Venezuela, país que conta, também ele, com governo democraticamente eleito – independentemente dos erros e acertos de Maduro.

Há algo novo nas manifestações, que não é apenas a ânsia de liberdade e democracia.

Um dos mais proeminentes oráculos dos ‘valores do Ocidente’ na conturbada Ucrânia é Oleh Tyahnybok, líder fascista do Partido Svoboda, cujo discurso conclama os ucranianos a se levantar contra o que chama de ‘máfia moscovita-judaica’ (já há notícia de sinagoga atacada por coquetéis Molotov), com quem Victoria Nuland, a secretária de Estado adjunta (dos EUA) para Assuntos Europeus e da Eurásia se reuniu em meio à crise, em Kiev.

Os EUA parece nada haverem aprendido com o 11 de setembro, ação conduzida pelas forças que haviam alimentado para se contraporem no Afeganistão à União Soviética.

Obama não está preocupado com a integridade territorial da Ucrânia, o ‘Ocidente’ não está chocado com a corrupção escandalosa do governo Yanukovich, nem Putin está pensando na segurança das minorias russas na Ucrânia.

Os EUA que desmantelaram a Iugoslávia, fizeram a Guerra dos Bálcãs e se alimentaram do território mexicano não podem arriscar-se a uma Guerra contra uma potência atômica simplesmente para defender a soberania de um território distante habitado por um povo estranho. Nem Putin nem Obama podem falar em defesa dos princípios do direito internacional. Falta-lhes a necessária autoridade moral. A Carta da ONU (1945) proíbe a violência nas relações internacionais, admitindo apenas duas exceções: legítima defesa ou autorização prévia do Conselho de Segurança. Quem autorizou a invasão, pelos EUA, de Granada, do Panamá, do Iraque, do Afeganistão? Ou os ataques ao Sudão? De quem a França recebeu mandato para invadir o Mali? Com o mandato de quem a Rússia invadiu a Geórgia? Como condenar o separatismo, se o Ocidente promoveu Kosovo (1999) e se prepara para aplaudir a independência da Escócia e da Catalunha?

As disputas vêm de longe, na lenta aplicação da teoria do Departamento de Estado segundo a qual, para permanecer como a única superpotência, os EUA precisam deter o controle da Eurásia, a ponte entre a União Europeia e o leste da Ásia.

A questão é claramente geopolítica e diz respeito aos interesses militares dos EUA (e, por via de consequência, da OTAN) de abrir uma cabeça de ponte na Ásia – a região mais promissora e próspera do século, onde se acha uma China hiperbólica, potência econômica e militar. Para isso, é preciso empurrar

os russos ainda mais para leste, de quebra garantindo acesso a corredores de oleodutos e gasoduto, acessando reservas de petróleo e gás natural.

O parágrafo precedente é simples releitura do que Zbigniew Brzezinski, assessor de Carter para segurança (1977/1981) escreveu na *Foreign Affairs* – uma das mais influentes revistas de política internacional dos EUA ou seja, do mundo:

“Dado o tamanho [da Rússia] e sua diversidade, um sistema político descentralizado e uma economia de livre mercado seriam a mais provável via para desencadear o potencial criativo do povo russo e [explorar] os vastos recursos naturais da Rússia. Uma Rússia vagamente confederada – composta pela República da Rússia Europeia, uma República da Sibéria, e uma República do Extremo-Oriente – também tornaria mais fácil cultivar relações econômicas mais estreitas com seus vizinhos.

Cada uma dessas regiões confederadas seria capaz de explorar o seu potencial criativo local, sufocado por séculos de controle da pesada mão burocrática de Moscou. Além disso, a Rússia descentralizada seria menos suscetível a uma mobilização de tipo imperial.”

(“*A geoestratégia para a Eurásia*”, 1977).

A tese aí advogada é, portanto, o condicionamento da política externa do antigo império à geopolítica dos EUA e à estratégia militar da OTAN.

Aos que desejarem conhecer melhor o projeto imperialista estadunidense aconselho a leitura de *O grande tabuleiro de xadrez: a primazia americana e seus imperativos geoestratégicos* (*The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives*, 1998) talvez a principal obra de Brzezinski. Trata-se de um roteiro de como estabelecer a hegemonia militar, política e econômica dos EUA – da Eurásia ao Oriente Médio.

Como se vê, de nada adiantou, para os russos, o desmantelamento da URSS e a adesão ao capitalismo...

A Rússia que, ao tempo da URSS, tinha os ‘escudos’ formados pela presença de tropas soviéticas na Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária, Romênia, Letônia e Lituânia, hoje vê esses países na OTAN e se encontra na iminência de ter ao seu lado uma Ucrânia hostil, Ucrânia que é seu berço cultural e histórico (uma das primeiras medidas tomadas pelo governo interino foi proibir o ensino da língua russa, majoritária no país), fechando seu acesso ao Mar Negro e pondo por terra o sonho da União Euroasiática (Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Ucrânia e China). Não é pouco.

A alternativa de Putin é a federalização do leste e do sul da Ucrânia (pró-Rússia) e sua posterior integração à futura União Euroasiática.

Talvez seja bom reproduzir uma recomendação de Kissinger descurada pela Casa Branca e ignorada, por ignorância mesmo, pelos nossos cientistas mediáticos:

“O Ocidente precisa entender que, para a Rússia, a Ucrânia jamais será apenas um país estrangeiro. A história russa começou na chamada Kiev-Rus. A religião russa se propagou a partir dali. A Ucrânia fez parte da Rússia durante séculos e suas histórias já estavam entrelaçadas antes disso.

Algumas das mais importantes batalhas pela liberdade russa, a começar pela Batalha de Poltava, em 1709, foram travadas em solo ucraniano. A Frota do Mar Negro, o meio de a Rússia projetar o poder no Mar Mediterrâneo, está baseada mediante um arrendamento de longo prazo em Sebastopol, na Criméia. Até mesmo dissidentes famosos, como Alexander Soljenitsyn e Josep Brodsky, insistiam que a Ucrânia era parte integral da história russa, e, de fato, da Rússia.”

(Henry Kissinger, *“Como resolver a crise ucraniana”*. O Estado de S. Paulo, 7/3/14)

O que está em jogo e, explica a crise, é o intento de promover o ingresso da Ucrânia na OTAN, candidatura posta em 2008, na Cúpula da OTAN em Bucareste. Trata-se, portanto, de uma ameaça concreta. É que, alcançado esse objetivo geoestratégico, Moscou ficará a menos de 500km (uma Rio-São Paulo) dos mísseis da OTAN. Não podendo reagir e impedir a ameaça, restaria à Rússia renunciar ao seu papel político na Eurásia, renunciar à sua própria independência e, por fim, derrotada sem dar um tiro, ingressar na OTAN... e, assim, finalmente ficar livre de ameaças. A partir daí, descer do pódio atômico, e preparar-se para sua própria divisão. Entende-se, pois, a reação de Putin e o apoio que vem recebendo dentro do país. A História sabe como os EUA reagiram à presença de mísseis soviéticos em Cuba, e todos podemos antever qual seria sua reação se bases soviéticas fossem instaladas no Alaska ou em Porto Rico. Ou se no México ou no Canadá assumissem governos beligerantes.

A História, porém, não é um videogame: os fatos, muitas vezes, adquirem vida própria e podem se apartar do controle dos estrategistas. Todo cuidado é pouco com o urso ferido, mas ainda com dentes e garras atômicas.

Leia mais em www.ramaral.org

4.0 Discurso de Putin em Sochi – 2014 fev

A maioria dos habitantes das áreas que usam a língua inglesa no mundo, perdeu o discurso de Putin na conferência Valdai ,em Sochi, há poucos dias, e as chances são de que não o recuperem, perdendo sua oportunidade. Os meios de comunicação ocidentais fizeram o seu melhor para ignorá-la ou torcer seu significado. Independentemente do que você pessoalmente pensa sobre Putin , este é, provavelmente, o discurso político mais importante desde "Cortina de Ferro" o discurso de Churchill de 05 de março, 1946.

Neste discurso, Putin mudou abruptamente as regras do jogo. Anteriormente, o jogo da política internacional foi jogado da seguinte forma: os políticos fizeram pronunciamentos públicos, em prol da manutenção de uma ficção agradável da soberania nacional, mas eles eram estritamente para o *show* e não tinha nada a ver com a substância da política internacional, isto é, as negociações de porão, em que os negócios reais foram impostos de dentro para fora, sob várias versões. Anteriormente, Putin tentou jogar este jogo, esperando apenas que a Rússia fosse tratada como um igual. Essas esperanças foram frustradas, e, nesta conferência, ele declarou que o jogo acabou, violando explicitamente o tabu ocidental, ao falar diretamente para as pessoas além dos chefes das clãs de elite e dos líderes políticos.

O blogueiro russo [chipstone](#) resumiu os pontos mais salientes do discurso Putin como segue:

1. **A Rússia não vai mais jogar e se engajar em negociações de bastidores sobre ninharias.** Mas a Rússia está preparada para conversas sérias e acordos, se estes são propícios para a segurança coletiva, baseando-se na justiça e tendo em conta os interesses de cada lado.

2. **Todos os sistemas de segurança coletiva mundial encontram-se agora em ruínas.** Já não há quaisquer garantias de segurança internacional em tudo. E a entidade que eles destruíram tem um nome: Os Estados Unidos da América.

3. **Os construtores da Nova Ordem Mundial falharam,** tendo construído um castelo de areia. Seja ou não uma nova ordem mundial de qualquer tipo está a ser construída, esta não é apenas a decisão da Rússia, mas é uma decisão que não será feita sem a Rússia.

4. **Rússia favorece uma abordagem conservadora para a introdução de inovações na ordem social**, mas não se opõe a investigar e discutir tais inovações, para ver se a introdução de qualquer um deles pode ser justificada.

5. **A Rússia não tem intenção de ir à pesca nas águas turvas** criadas pela permanente expansão da América "império do caos", e não tem interesse em construir um novo império de sua própria lavra (os desafios da Rússia se aplicam no desenvolvimento de seu já vasto território). Nem está a Rússia disposta a agir como um salvador do mundo, como ela tinha o hábito no passado.

6. **A Rússia não irá tentar reformatar o mundo em sua própria imagem, mas nem ela permitirá que qualquer pessoa tente reformatá-la à sua imagem.** A Rússia não vai fechar-se fora do mundo, mas quem tentar isolá-la do resto do mundo pode estar certa de colher um redemoinho.

7. A Rússia não deseja que o caos se espalhe, e não quer a guerra, nem tem intenção de começar uma, ou favorecer o caos. No entanto, hoje **a Rússia observa o início da guerra global como quase inevitável**, está preparada para isso, e continua a se preparar para isso. A Rússia não deseja a guerra, mas não a teme.

8. A Rússia não tem intenção de assumir um papel ativo em frustrar aqueles que ainda estão tentando construir sua Nova Ordem Mundial, se seus esforços não ponham em causa os interesses fundamentais da Rússia. A Rússia prefere permanecer perto e observá-los dar-se mal, às voltas com os problemas provocados por suas pobres cabeças. Mas àqueles que tentarem arrastar a Rússia para este processo, através do desrespeito com seus interesses, **será ensinado o verdadeiro significado da dor.**

9. Em sua política externa, e ainda mais, em sua política interna, Rússia não pretende contar com as elites e suas negociações de bastidores, mas basear-se na **vontade do povo.**

A esses nove pontos, Putin acrescentou um décimo:

10. **Há ainda uma chance de construir uma nova ordem mundial que evite uma guerra mundial. Essa nova ordem mundial deve necessariamente incluir os Estados Unidos, mas só pode fazê-lo nas mesmas condições que todos os outros:** sujeito ao direito internacional e acordos internacionais; abstendo-se de toda ação unilateral; no pleno respeito da soberania de outras nações.

Para resumir tudo: o tempo do jogo acabou. Às crianças, compete arrumar

seus brinquedos. Chegou a hora de os adultos tomarem decisões. A Rússia está pronta para isso; e o mundo?

5. S.Petersburgo, no coração dos acontecimentos

<http://redecastorphoto.blogspot.com.br/2015/06/pepe-escobar-spetersburgo-no-coracao.html>

Fórum Econômico Internacional
de S. Petersburgo (SPIEF 2015)
<http://goo.gl/HTGo3c>



20/6/2015, [*] - Pepe Escobar,

Asia Times Online - [SPIEF — St. Petersburg in the heart of the action: Escobar](#)

Traduzido pelo pessoal da Vila Vudu



Vladimir Putin fala na abertura do SPIEF 2015

Os cães das sanções e do medo ocidental ladram, enquanto a caravana eurásiana passa.

Nenhum *caravanserai* poderá jamais competir com a 19ª edição do [Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo](#) [*St. Petersburg International Economic Forum (SPIEF)*]. Milhares de líderes de empresas globais – inclusive europeus, mas nenhum norte-americano; afinal, o presidente Putin seria “o neo-Hitler” – representando mais de mil empresas/corporações internacionais, inclusive os presidentes da British Petroleum, da Shell Holandesa e da Total, chegaram à cidade em grande estilo.

Por todos os lados, painéis fascinantes – incluindo sessões sobre os BRICs; a Organização de Cooperação de Xangai (OCX); a(s) Nova(s) Rota(s) da Seda; a União Econômica Eurásiana (UEE); e, claro, o tema de todos os temas, “A Formação [orig. *making*] do Século Pacífico-Asiático: Reequilibrar o Leste”, em que falou o Primeiro-Ministro australiano, Kevin Rudd.

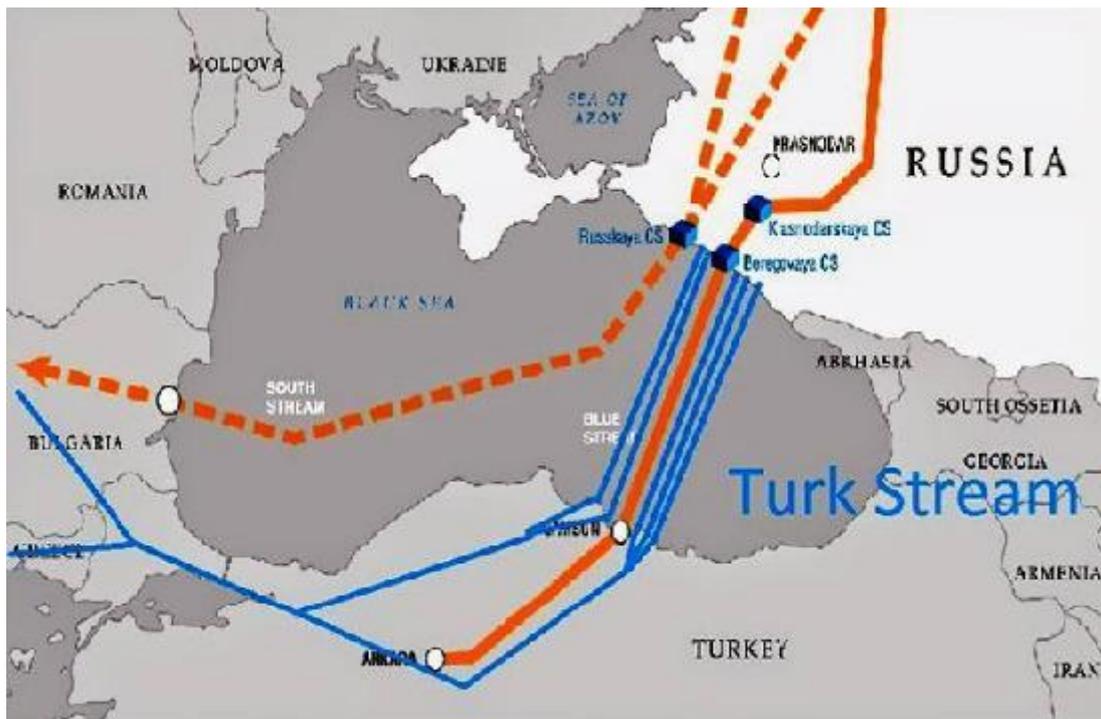
Como se podia prever, houve muito suspense sobre o Novo Banco de Desenvolvimento dos BRICs, com grandes novidades a serem divulgadas na Cúpula dos BRICs, mês que vem, em Ufa. O brasileiro Paulo Nogueira Batista, novo vice-presidente do banco, espera entusiasmado a primeira reunião dos diretores.

E noutro tema chave – deixando de lado o dólar norte-americano – coube a Anatoliy Aksakov, presidente da Comissão Parlamentar do Parlamento Russo para Política Econômica, Desenvolvimento Inovador e Empreendedorismo, chegar logo ao que interessa:

Precisamos completar a transição, até fazermos todos os nossos pagamentos recíprocos em moedas nacionais, e acreditamos que já se encontram preparadas todas as condições para que assim seja.

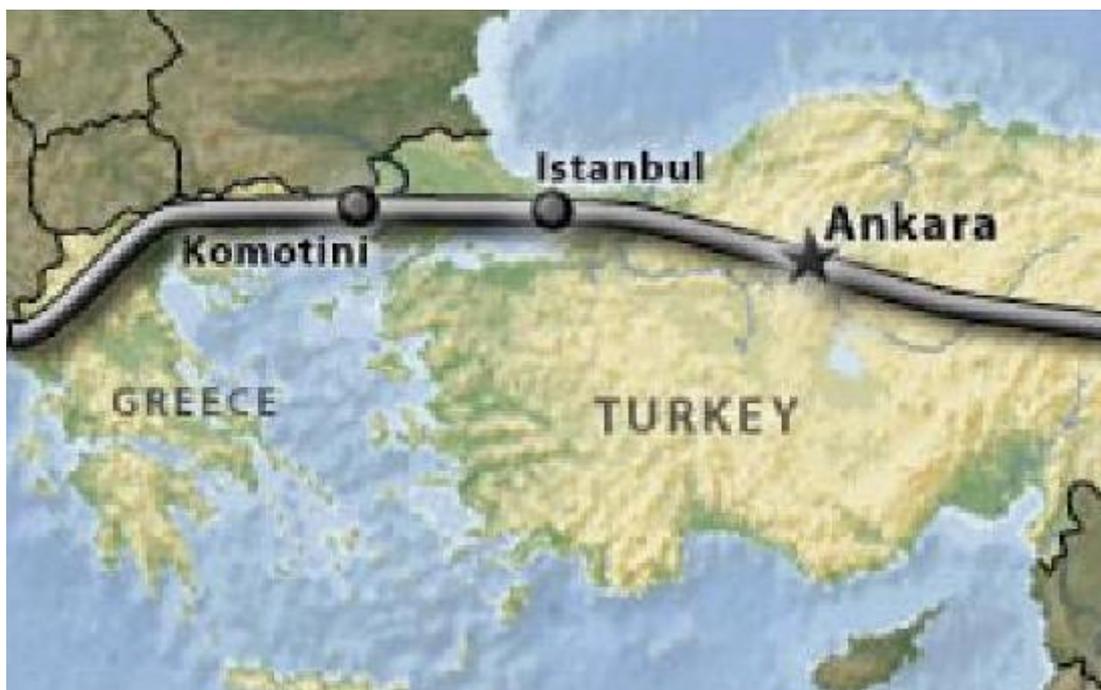
Não é movimento só retórico. Adiante, apenas alguns dos negócios fechados no Fórum *SPIEF*. Como se poderia prever, verdadeiro *show* por todos os cantos do Oleogasodutostão.

- Os dutos para o gasoduto do Ramo Turco pelo fundo do Mar Negro começarão a ser instalados ainda este mês, mais tardar em julho, segundo Alexander Novak, Ministro de Energia da Rússia.



Oleogasoduto - Ramo Turco (em azul)

- O presidente da Gazprom, Aleksey Miller e o Ministro de Energia da Grécia, Panagiotis Lafazanis, praticamente fecharam negócio para a extensão do Ramo Turco até a Grécia. Estão “preparando o devido memorando intergovernamental”, segundo a Gazprom.



Oleogasduto Turquia - Grécia

- A Gazprom também anunciou que construirá um duplo gasoduto, da Rússia até a Alemanha, pelo Mar Báltico, em parceria com a E.ON alemã, a Shell anglo-holandesa e a austríaca OMV.



Oleogasduto Ramo Norte (North Stream) será duplicado

Em outro front eurasiático crucial, a Índia assinou o projeto de acordo para criar uma zona de livre comércio com a União Econômica Eurasiática. A Ministra do Comércio da Índia, Nirmala Sitharaman, estava eufórica:

São duas grandes regiões, qualquer coisa que façam juntas com certeza levará a resultados ainda maiores.

Oh, como vão longe os dias de Bandar Bush e suas ameaças de que atiraria os jihadistas contra a Rússia!

Em vez disso, aconteceu uma reunião sobre todos os aspectos notáveis, entre o Presidente Putin e Mohammad bin Salman, o vice-príncipe coroado saudita e atual Ministro da Defesa (o homem que comanda a guerra no Iêmen). Foi resultado lógico de Putin estar em contato, há semanas, com o novo chefe da Casa de Saud, rei Salman.

A Casa de Saud informou polidamente que se tratou de discutir “relações e aspectos da cooperação entre os dois países amigos”. Fatos em campo incluíram discussão, entre os ministros do petróleo saudita e russo, para um amplo acordo de cooperação; assinatura de seis acordos sobre tecnologia nuclear; e o Imponderável Supremo: Putin e o vice-príncipe coroado discutindo preços do petróleo. Podemos estar diante do fim da guerra do preço do petróleo movida pelos sauditas?



Mohammad bin Salman e Vladimir Putin (19/6/2015)

Como se já não bastasse, no *front* asiático o presidente executivo e *superstar* máximo, Jack Ma, do Grupo Alibaba, disse, sem meias palavras:

É mais que hora de os players do mercado investirem na Rússia.

Pequim, aliás, estima atualmente o valor dos contratos de negócios fechados e quase-fechados com a Rússia em torno de alucinantes US\$ 1 trilhão. O Vice-Primeiro Ministro russo, Igor Shuvalov, disse que preferia estimativa mais “discreta”.

Bem... Seria ótimo se outras nações sancionadas e “isoladas” – por causa das “agressões” que cometem – conseguissem mostrar tal desempenho comercial. E por onde andavam os *Masters of the Universe*?

Antes do fórum de São Petersburgo, Putin dedicou-se a distribuir uma mesma e invariável mensagem, sempre que cruzava com algum líder ocidental: falava sobre comércio bilateral; e em seguida lembrava o quanto as coisas poderiam estar muito, muito melhores. No Fórum, estava mais do que evidente que a política de sanções da União Europeia contra a Rússia é completo desastre – e decida o Conselho Europeu o que decidir, semana que vem.

Aqueles gênios da burocracia kafkeana na Comissão Europeia continuam a jurar que a Europa nada sofre. Quem acreditará nisso? Burocratas da Comissão Europeia, que só se preocupam com suas gordas aposentadorias, como mostra esse [estudo feito na Áustria](#)?

E houve também A Grande Reunião à margem do Fórum *SPIEF*: Putin com o Primeiro-Ministro da Grécia, Alexis Tsipras. A questão aqui não é, por exemplo, a Grécia vir a ser, amanhã, membro do grupo BRICS. Yves Smith, do blog *Naked Capitalism* pode ter acertado na mosca:

O risco objetivo de uma nova aliança Grécia-Rússia (...) é se os europeus estiverem suficientemente preocupados para arriscar uma mudança de curso.

Não há – até agora – qualquer indício de que venha a haver alguma mudança de curso. Mas a Chanceler de Ferro Merkel já anda jogando abertamente com a carta russa – tipo Moscou obter ponto onde apoiar o pé na União Europeia – para manter outras nações da União Europeia afinadas com a obsessão alemã com a “austeridade”.

Quanto à Palavra Definitiva no Fórum, difícil bater o Primeiro-Ministro Tsipras: a Europa

(...) deve parar de ver-se como o centro do universo. Deve tratar de compreender que o centro do desenvolvimento econômico mundial está de mudança para outras regiões.

E havia algum verdadeiro *Master of the Universe* presente ao Fórum de São Petersburgo?

No mundo real, há várias instituições e conferências que servem de base para “coordenar” políticas. Mas os *Masters of the Universe* não participam delas. Puxam as cordas das marionetes que vão as reuniões – e tudo que decidem é coordenado por baixo.

Putin nada perdeu por não ter sido admitido ao G7 nos Alpes Bávaros (na verdade, um G1+ “parceiros aspirantes”). Logo adiante se encontrou com quem interessava encontrar-se.

Com o Banco Internacional de Compensações [*Bank for International Settlements (BIS)*], onde se reúnem os principais bancos centrais, Putin reúne-se uma vez por mês, para “objetivos de coordenação”. O Grupo Bilderberg, a Comissão Trilateral e Davos também se reúnem para objetivos de coordenação. Pode-se bem dizer que o Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo é, hoje, o fórum chave de coordenação para a Eurásia. Os *Masters of the Universe* – verdadeiros ou autoiludidos – que esnobem quem quiserem. E aguentem as consequências.



[*] **Pepe Escobar** (1954) é jornalista, brasileiro, vive em São Paulo, Hong Kong e Paris, mas publica exclusivamente em inglês. Mantém coluna no *Asia Times Online*; é também analista de política de blogs e sites como: *Sputnik*, *Tom Dispatch*, *Information Clearing House*, *Red Voltaire* e outros; é correspondente/articulista das redes *Russia Today* e *Al-Jazeera*. Seus artigos podem ser lidos, traduzidos para o português pelo Coletivo de Tradutores da Vila Vudu e João Aroldo, no [blog redecastorphoto](#).

Livros:

- [Globalistan: How the Globalized World is Dissolving into Liquid War](#), Nimble Books, 2007.
- [Red Zone Blues: A Snapshot of Baghdad During the Surge](#), Nimble Books, 2007.
- [Obama Does Globalistan](#), Nimble Books, 2009.
- Adquirar seu novo livro [Empire of Chaos](#), publicado no final de 2014 pela Nimble Books

Em xeque, a Rússia tentará o contra-ataque?

Publicado em **17 de dezembro de 2014** por **Antonio Martins**

<http://outraspalavras.net/blog/2014/12/17/em-xeque-a-russia-tentara-o-contra-ataque/>



Com o rublo sob ataque, Putin convoca entrevista coletiva sugerindo um mundo em chamas. Que ele anunciará, amanhã: uma ação contra o dólar?

Por **Antonio Martins**

Se você enxerga turbulências no cenário brasileiro, em 2015, prepare-se para possíveis terremotos, no plano mundial. A crise econômica persiste e tende a se agravar, segundo [reconhece](#) a própria *The Economist*, porta-voz da ortodoxia dominante. Em diversos países da Europa (França, Inglaterra, Itália, Espanha e Grécia, ao menos), o quadro político-partidário tradicional está em frangalhos. Os partidos antes dominantes são ameaçados por grupos que pedem abertamente ruptura com a União Europeia (nos três primeiros casos — [1 2 3](#)) ou por partidos de uma nova esquerda, que parece cada vez mais capaz de sensibilizar a opinião pública ([4 5](#)).

No terreno geopolítico, onde um gigante (a China) ainda age com muita discrição, os dois principais atores serão, provavelmente, os Estados Unidos, cada vez mais **provocativos**, e a Rússia. Ambos estão protagonizando agora uma espécie de *avant-première* desta disputa. E o governo russo acaba de **anunciar** para amanhã (18/12) uma entrevista coletiva do presidente do país, Vladimir Putin, que pode ser bombástica.

Ao que parece, a Rússia está, economicamente, nas cordas. O rublo **perdeu** cerca de 50% de seu valor frente ao dólar, desde junho. O aumento dos preços de produtos importados elevou a inflação a 9,1% ao ano. A causa nítida é uma **queda** abrupta e estranha nos preços internacionais do petróleo — de cerca de US\$ 100 o barril, há um mês, para US\$ 60 hoje. Como gás e óleo respondem por cerca de 75% das exportações russas, teme-se que o país perca condições de gerar divisas necessárias para cumprimento de seus compromissos comerciais e financeiros com o exterior.

O petróleo caiu devido a uma decisão unilateral da Arábia Saudita — maior exportador mundial do combustível e principal aliado dos EUA no Oriente Médio, ao lado de Israel. Há cerca de dois meses, o governo de Riad agiu em sentido diametralmente oposto ao que recomendaria a lógica comercial mais óbvia. Numa conjuntura em que a economia global e o consumo de petróleo refluem, ele decidiu elevar fortemente a extração do produto, derrubando os preços.

As razões são controversas. A explicação mais tradicional **sugere** que se trata de uma tentativa de inviabilizar (por concorrência) a exploração de petróleo em rochas de xisto, que cresceu muito nos Estados Unidos, mas é custosa. Cada vez parece mais crível, no entanto, que a derrubada dos preços foi ditada por **interesses geopolíticos**. Os três países mais prejudicados pelo petróleo baixo são Irã (o grande adversário regional da Arábia Saudita no Oriente Médio), Rússia e Venezuela (que Washington busca insistentemente colocar em dificuldades).

Se Moscou seguir a ortodoxia econômica, sua resposta pode provocar graves problemas internos na Rússia. Implicaria elevar as taxas de juros (houve uma alta emergencial para 17% ao ano, ontem), gastar boa parte das reservas internacionais de divisas (para comprar rublos e tentar sustentar seu preço), tornar o país vulnerável a outros ataques.

Mas o anúncio da entrevista coletiva de Putin, que está sendo veiculado insistentemente na TV russa desde a manhã de hoje, sugere que pode haver surpresas. Totalmente inusual para anunciar um evento semelhante, peça, de 41 segundos, alterna cenas de grandes dramas que marcaram 2014 (ascensão dos grupos nazistas na Ucrânia, derretimento das geleiras, decapitação de reféns pelo ISIS, desperdício de alimentos, crises nos mercados financeiros) com outras, que evocam o orgulho russo (sucesso aeroespacial e olímpico).

Que novidades Putin teria condições de anunciar? O Financial Times **especula** hoje que, ao invés de elevar juros, Moscou poderia controlar a entrada e saída de moedas estrangeiras na Rússia. A medida seria vista como anátema pelos mercados financeiros e poderia causar (a depender da dureza das medidas) certas dificuldades para investidores internacionais. Porém, poderia haver um lance mais ousado. O governo russo tem sido, no interior dos BRICS, o mais enfático defensor de um **desafio** à supremacia global do dólar. Tem sugerido explicitamente que o bloco faça suas trocas comerciais utilizando o **renminbi** chinês.

Putin não poderá, é claro, comunicar unilateralmente uma decisão deste peso na entrevista coletiva de amanhã. Mas seria imprudente desprezar sua determinação em agir neste sentido, nos próximos meses. Em especial, num cenário em que a economia norte-americana perde rapidamente sua antiga supremacia; em que as políticas de Washington são cada vez mais contestadas em todo o mundo; e em que a aceitação internacional do dólar se mantém como uma pilastra essencial do poder que ainda resta aos EUA. Se for assim, a tentativa de derrubar artificialmente os preços do petróleo pode se revelar, a médio prazo, mais uma, na longa sequência de decisões desastrosas da Casa Branca.

6.Lo que Putin no nos cuenta

Por Pepe Escobar

El autor es corresponsal itinerante para Asia Times/Hong Kong, analista para RT y TomDispatch, y un frecuente columnista de websites y emisiones de radio en los EEUU y Asia oriental. Suele ser traducido y difundido en varios idiomas por Tlaxcala. Pepe Escobar, RT -- <http://rt.com/op-edge/215675-putin-economic-sanctions-us-oil/>

La tormenta perfecta evoluciona en dos frentes; una guerra económica abierta – como un asedio por medio de sanciones – y un ataque concertado, encubierto, oculto, al corazón de la economía rusa. El objetivo de Washington es claro: empobrecer y debilitar al adversario y forzarle a inclinarse dócilmente ante los caprichos del Imperio del Caos. Que fanfarronea a propósito del sendero hacia la “victoria”.

El problema es que Moscú descifró impecablemente el juego, incluso antes de que Putin – en octubre, en el Club Valdai – identificase la doctrina Obama como: “nuestros socios occidentales” trabajando como practicantes de la

“teoría del caos controlado”.

De modo que Putin comprendió claramente el ataque semanal del monstruo, en plan ‘caos controlado’. El Imperio dispone de un poder monetario masivo; de una gran influencia sobre los US\$ 85 billones de PIB mundial, y el poder bancario detrás de él. Nada más fácil pues que el uso de ese poder por medio del sistema bancario privado que controla los bancos centrales para crear una corrida del rublo. Piense en el sueño del “Imperio del Caos” de reducir el valor del rublo en un 99%, arruinando la economía rusa. ¿Qué mejor camino para imponerle la disciplina imperial a Rusia?

La opción “nuclear”

Rusia le vende petróleo a occidente en dólares. Lukoil, por ejemplo, debiese tener un depósito en dólares en un banco americano por el petróleo que vende. Si Lukoil debe pagar salarios en rublos en Rusia, debe vender esos depósitos en dólares y comprar rublos en Rusia que serán depositados en su cuenta corriente. Eso sostiene el rublo.

La cuestión es si Lukoil, Rosneft y Gazprom están acaparando dólares en el extranjero, y ocultándolos. La respuesta es no. Y los mismo vale para otras actividades rusas.

Rusia no está “perdiendo sus ahorros”, como se relamen los medios occidentales. Rusia siempre puede exigirle a las empresas extranjeras instalarse en su territorio. Apple, por ejemplo, puede abrir una fábrica en Rusia. Los recientes acuerdos Rusia-China incluyen la construcción de fábricas chinas en Rusia. Con un rublo depreciado, Rusia puede forzar la instalación en Rusia de fabricaciones que de otro modo hubiesen sido situadas en la unión Europea; si no, esas empresas pierden el mercado. De alguna manera Putin admitió que Rusia debía haber exigido eso mucho antes. Este proceso – positivo – es ahora inevitable.

Y luego hay una opción “nuclear”, que Putin ni siquiera tuvo que mencionar. Si Rusia decide imponer un control de capitales y/o impone un “asueto” en el pago de amplias fracciones de deuda pagable a inicios del 2015, el sistema

financiero europeo se iría al diablo, estilo Shock and Awe (término que significa algo así Golpear y Triunfar, o si prefieres una suerte de Blitzkrieg); después de todo, buena parte de los fondos corporativos y bancarios rusos fue suscrita asegurada en Europa.

La exposición (en el sentido de colocaciones financieras) en Rusia no es el tema per se; lo que importa es el enlace con los bancos europeos. Como me dijo un banquero inversionista americano, Lehman Brothers, por ejemplo, derrumbó Europa al mismo tiempo que New York, sobre la base de ese tipo de conexiones financieras. Y Lehman estaba basado en New York. Lo que cuenta es el efecto dominó.

Si Rusia desplegara su opción financiera “nuclear”, el sistema financiero occidental no podría absorber el choque de un default. Y eso demostraría – de una vez por todas – que los especuladores de Wall Street construyeron una “House of Cards” (un castillo de naipes. N del T) tan frágil y corrupta que la primera tormenta real la haría polvo.

A tan sólo un tiro de distancia

¿Y qué pasa si Rusia declara un default, haciendo de su deuda soberana de US\$ 600 mil millones un glorioso burdel?

Este escenario se lee como El Amo del Universo diciéndole a Janet Yellen (presidente de la FED. N del T) y a Mario Draghi (presidente del BCE. N del T) que creen crédito en el sistema bancario para prevenir “daños inaceptables”, como en el año 2008.

Pero luego Rusia decide cortar el suministro de gas y de petróleo a Occidente (manteniéndolo hacia Oriente). La inteligencia Rusa puede crear un desorden sin fin en las bombas bencineras desde el Mahgreb al Medio Oriente. Rusia puede bloquear todo el petróleo y el gas natural bombeado en Asia Central. Resultado: el más gigantesco colapso financiero de la historia. Y el fin de la excepcional panacea del “Imperio del Caos”.

Desde luego este es un escenario apocalíptico. Pero no hay que provocar al oso, porque el oso podría ponerlo en

escena en un abrir y cerrar de ojos.

Putin estuvo tan temperado, calmo, sereno – y deseoso de hurgar en los detalles – en su conferencia de prensa porque sabe que Moscú es capaz de moverse con total autonomía. Esta es – por cierto – una guerra asimétrica contra un imperio en delicuescencia aunque peligroso.

¿Qué están pensando aquellos minúsculos intelectuales que pululan alrededor de la inerte administración Obama?

¿Que pueden venderle a la opinión pública estadounidense la noción que Washington (y sus caniches europeos) afrontarán la guerra nuclear, en el teatro europeo, en nombre del fallido estado ucraniano?

Esta es una partida de ajedrez. El ataque al rublo suponía ser un jaque mate. No lo es. No cuando es desplegado por jugadores apenas aficionados al scrabble. Y no hay que olvidar la estratégica asociación Ruso-China. La tormenta puede estar amainando, pero la partida continua.

7. Russia Is Breaking America's Oil Price Monopoly

The end of the 'petrodollar' will mean a simultaneous end to the USA's ability to enforce global hegemony

http://russia-insider.com/en/business/russia-breaking-americas-oil-price-monopoly/ri12174?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=facebook&utm_source=socialnetwork

F. William Engdahl  (New Eastern Outlook)  Tue, Jan 12 | 10,391 [51](#)

Originally appeared: New Eastern Outlook



Russia has just taken significant steps that will break the present Wall Street oil price monopoly, at least for a huge part of the world oil market. The move is part of a longer-term strategy of decoupling Russia's economy and especially its very significant export of oil, from the US dollar, today the Achilles Heel of the Russian economy.

Later in November the Russian Energy Ministry has announced that it will begin test-trading of a new Russian oil benchmark. While this might sound like small beer to many, it's huge. If successful, and there is no reason why it won't be, the Russian crude oil benchmark futures contract traded on Russian exchanges, will price oil in rubles and no longer in US dollars. It is part of a de-dollarization move that Russia, China and a growing number of other countries have quietly begun.

The setting of an oil benchmark price is at the heart of the method used by major Wall Street banks to control world oil prices. Oil is the world's largest commodity in dollar terms. Today, the price of Russian crude oil is referenced to what is called the Brent price. The problem is that the Brent field, along with other major North Sea oil fields is in major decline, meaning that Wall Street can use a vanishing benchmark to leverage control over vastly larger oil volumes. The other problem is that the Brent contract is controlled essentially by Wall Street and the derivatives manipulations of banks like Goldman Sachs, Morgan Stanley, JP MorganChase and Citibank.

The 'Petrodollar' demise

The sale of oil denominated in dollars is essential for the support of the US dollar. In turn, maintaining demand for dollars by world central banks for their currency reserves to back foreign trade of countries like China, Japan or Germany, is essential if the United States dollar is to remain the leading world reserve currency. That status as world's leading reserve currency is one of two pillars of American hegemony since the end of World War II. The second pillar is world military supremacy.

US wars financed with others' dollars

Because all other nations need to acquire dollars to buy imports of oil and most other commodities, a country such as Russia or China typically invests the trade surplus dollars its companies earn in the form of US government bonds or similar US government securities. The only other candidate large enough, the Euro, since the 2010 Greek crisis, is seen as more risky.

That leading reserve role of the US dollar, since August 1971 when the dollar broke from gold-backing, has essentially allowed the US Government to run seemingly endless budget deficits without having to worry about rising interest rates, like having a permanent overdraft credit at your bank.

That in effect has allowed Washington to create a record \$18.6 trillion federal debt without major concern. Today the ratio of US government debt to GDP is 111%. In 2001 when George W. Bush took office and before trillions were spent on the Afghan and Iraq "War on Terror," US debt to GDP was just half, or 55%. The glib expression in Washington is that "debt doesn't matter," as the assumption is that the world—Russia, China, Japan, India, Germany—will always buy US debt with their trade surplus dollars. The ability of Washington to hold the lead reserve currency role, a strategic priority for Washington and Wall Street, is vitally tied to how world oil prices are determined.

In the period up until the end of the 1980's world oil prices were determined largely by real daily supply and demand. It was the province of oil buyers and oil sellers. Then Goldman Sachs decided to buy the small Wall Street commodity brokerage, J. Aron in the 1980's. They had their eye set on transforming how oil is traded in world markets.

It was the advent of “paper oil,” oil traded in futures, contracts independent of delivery of physical crude, easier for the large banks to manipulate based on rumors and derivative market skullduggery, as a handful of Wall Street banks dominated oil futures trades and knew just who held what positions, a convenient insider role that is rarely mentioned in polite company. It was the beginning of transforming oil trading into a casino where Goldman Sachs, Morgan Stanley, JP Morgan Chase and a few other giant Wall Street banks ran the crap tables.

In the aftermath of the 1973 rise in the price of OPEC oil by some 400% in a matter of months following the October, 1973 Yom Kippur war, the US Treasury sent a high-level emissary to Riyadh, Saudi Arabia. In 1975 US Treasury Assistant Secretary, Jack F. Bennett, was sent to Saudi Arabia to secure an agreement with the monarchy that Saudi and all OPEC oil will only be traded in US dollars, not Japanese Yen or German Marks or any other. Bennett then went to take a high job at Exxon. The Saudis got major military guarantees and equipment in return and from that point, despite major efforts of oil importing countries, oil to this day is sold on world markets in dollars and the price is set by Wall Street via control of the derivatives or futures exchanges such as Intercontinental Exchange or ICE in London, the NYMEX commodity exchange in New York, or the Dubai Mercantile Exchange which sets the benchmark for Arab crude prices. All are owned by a tight-knit group of Wall Street banks—Goldman Sachs, JP Morgan Chase, Citigroup and others. At the time Secretary of State Henry Kissinger reportedly stated, “If you control the oil, you control entire nations.” Oil has been at the heart of the Dollar System since 1945.

Russian benchmark importance

Today, prices for Russian oil exports are set according to the Brent price in as traded London and New York. With the launch of Russia’s benchmark trading, that is due to change, likely very dramatically. The new contract for Russian crude in rubles, not dollars, will trade on the St. Petersburg International Mercantile Exchange ([SPIMEX](#)).

The Brent benchmark contract are used presently to price not only Russian crude oil. It's used to set the price for over two-thirds of all internationally traded oil. The problem is that the North Sea production of the Brent blend is declining to the point today only 1 million barrels Brent blend production sets the price for 67% of all international oil traded. The Russian ruble contract could make a major dent in the demand for oil dollars once it is accepted.

Russia is the world's largest oil producer, so creation of a Russian oil benchmark independent from the dollar is significant, to put it mildly. In 2013 Russia produced 10.5 million barrels per day, slightly more than Saudi Arabia. Because natural gas is mainly used in Russia, fully 75% of their oil can be exported. Europe is by far Russia's main oil customer, buying 3.5 million barrels a day or 80% of total Russian oil exports. The Urals Blend, a mixture of Russian oil varieties, is Russia's main exported oil grade. The main European customers are Germany, the Netherlands and Poland. To put Russia's benchmark move into perspective, the other large suppliers of crude oil to Europe – Saudi Arabia (890,000 bpd), Nigeria (810,000 bpd), Kazakhstan (580,000 bpd) and Libya (560,000 bpd) – lag far behind Russia. As well, domestic production of crude oil in Europe is declining quickly. Oil output from Europe fell just below 3 Mb/d in 2013, following steady declines in the North Sea which is the basis of the [Brent benchmark](#).

End to dollar hegemony good for US

The Russian move to price in rubles its large oil exports to world markets, especially Western Europe, and increasingly to China and Asia via the ESPO pipeline and other routes, on the new Russian oil benchmark in the St. Petersburg International Mercantile Exchange is by no means the only move to lessen dependence of countries on the dollar for oil. Sometime early next year China, the world's second-largest oil importer, plans to launch its own oil benchmark contract. Like the Russian, China's benchmark will be denominated not in dollars but in Chinese Yuan. It will be traded on the Shanghai International [Energy Exchange](#).

Step-by-step, Russia, China and other emerging economies are taking measures to lessen their dependency on the US dollar, to “de-dollarize.” Oil is the world's largest traded commodity and it is almost entirely priced in dollars.

Were that to end, the ability of the US military industrial complex to wage wars without end would be in deep trouble.

Perhaps that would open some doors to more peaceful ideas such as spending US taxpayer dollars on rebuilding the horrendous deterioration of basic USA economic infrastructure. The American Society of Civil Engineers in 2013 estimated \$3.6 trillion of basic infrastructure investment is needed in the United States over the next five years. They report that one out of every 9 bridges in America, more than 70,000 across the country, are deficient. Almost one-third of the major roads in the US are in poor condition. Only 2 of 14 major ports on the eastern seaboard will be able to accommodate the super-sized cargo ships that will soon be coming through the newly expanded Panama Canal. There are more than 14,000 miles of high-speed rail operating around the world, but none in [the United States](#).

That kind of basic infrastructure spending would be a far more economically beneficial source of real jobs and real tax revenue for the United States than more of John McCain's endless wars. Investment in infrastructure, as I have noted in previous articles, has a multiplier effect in creating new markets. Infrastructure creates economic efficiencies and tax revenues of some 11 to 1 for every one dollar invested as the economy becomes more efficient.

A dramatic decline for the role of the dollar as world reserve currency, if coupled with a Russia-styled domestic refocus on rebuilding America's domestic economy, rather than out-sourcing everything, could go a major way to rebalance a world gone mad with war. Paradoxically, the de-dollarization, by denying Washington the ability to finance future wars by the investment in US Treasury debt from Chinese, Russian and other foreign bond buyers, could be a valuable contribution to genuine world peace. Wouldn't that be nice for a change?

8.Preço do petróleo: Rússia quebrará o monopólio de Wall Street

11 jan 2016 | 9/1/2016, F. William Engdahl, *New Eastern Outlook*

T

Compartilhar

Traduzido por Vila Vudu

Rússia acaba de dar passos significativos para quebrar o atual monopólio que Wall Street impõe ao preço do petróleo, pelo menos para parte significativa do mercado mundial de petróleo. O movimento é parte de estratégia de mais longo prazo para descolar a economia da Rússia e, especialmente sua muito significativa exportação de petróleo, do dólar norte-americano – que é hoje o calcanhar de Aquiles da economia russa.

No final de novembro, o Ministério de Energia da Rússia anunciou que começaria a testar um novo preço referencial para o petróleo russo. Talvez pareça café pequeno para muitos, mas é importantíssimo. Se o experimento for bem-sucedido, e não há razão para que não seja, os contratos futuros negociados para o cru russo nas bolsas russas, serão denominados em rublos, não mais em dólares norte-americanos. É parte de um movimento de desdolarização que Rússia, China e número crescente de outros países já iniciaram sem alarde.

A fixação de um preço referencial [orig. *oil benchmark price*: preço para o cru que serve como referência, facilitando para vendedores e comparadores a determinação dos preços de incontáveis variedades de crus e misturas] é o eixo de distribuição de todo o sistema que os grandes bancos de Wall Street usam para controlar os preços mundiais do petróleo.

Hoje, o petróleo é a principal mercadoria negociada em dólares em todo o mundo. O preço do cru russo está hoje referenciado a um preço chamado “preço Brent”.^[1] O problema é que o campo de Brent, como outros grandes campos do Mar do Norte estão já em declínio, o que implica dizer que Wall Street pode estar usando uma referencial em vias de esgotamento, para controlar o preço de quantidades gigantescas de petróleo. O outro problema é que o contrato Brent é controlado essencialmente por Wall Street e pela manipulação dos derivativos em bancos como Goldman Sachs, Morgan Stanley, JP MorganChase e Citibank.

O fim do ‘petrodólar’

A venda de petróleo denominado em dólares é essencial como apoio ao EUA-dólar. Por sua vez, manter a demanda por dólares em todos os bancos

centrais, como moeda básica das reservas nacionais para pagar pelo petróleo importado, em países como China, Japão ou Alemanha, é essencial para que o EUA-dólar continue a ser a principal moeda de reserva em todo o mundo. O status de principal moeda de reserva no mundo é um dos dois pilares da hegemonia dos EUA desde o final da 2ª Guerra Mundial. O segundo é a força militar armada.

EUA financia suas guerras com dólares dos outros

Porque todos os países têm de comprar dólares para pagar pelo petróleo e por praticamente todas as mercadorias que importam, países como Rússia ou China (para ficar nesses exemplos) investem em papéis do governo dos EUA ou outras *securitiess* semelhantes do governo dos EUA – portanto, em dólares –, o excedente que suas empresas acumulam. O único segundo candidato suficientemente grande para esses investimentos, o euro, passou a ser visto como de mais alto risco desde a crise da Grécia em 2010.

O papel de liderança do EUA-dólar na função de moeda de reserva é o que permite, desde agosto de 1971, quando o dólar foi desvinculado do lastro ouro, que o governo dos EUA sobreviva apesar de infundáveis déficits no orçamento, sem ser forçado a subir a taxa de juros – como alguém que pudesse usar um ‘cheque especial’ bancário infinito, sem limite nem prazo.

É também o que permitiu que Washington criasse dívida federal recorde de \$18,6 trilhões, sem nenhuma preocupação. Hoje, a relação dívida federal/PIB do governo dos EUA é 111%.

Em 2001, quando George W. Bush assumiu a Casa Branca, e antes de torrar trilhões na “Guerra ao Terror” no Afeganistão e Iraque, a mesma relação EUA-dívida/PIB era a metade do que é hoje: 55%.

Daí que os falastrões em Washington vivam a dizer que “dívida não é problema”: porque têm certeza de que Rússia, China, Japão, Índia, Alemanha estão para sempre condenados a ter de comprar a dívida dos EUA com os dólares excedentes que consigam acumular.

Manter esse ‘poder’ – a condição de principal moeda internacional de reserva – é prioridade estratégica para Washington e Wall Street, vitalmente ligada ao processo pelo qual o mundo determina os preços do petróleo.

No período até o final dos anos 1980s os preços mundiais do petróleo eram determinados, em grande proporção, pela relação real diária entre oferta e demanda. Ali ainda reinavam os corretores de petróleo, os que compravam e vendiam. Então, Goldman Sachs decidiu comprar uma pequena corretora de mercadorias que havia em Wall Street, J. Aron, nos anos 1980. Já haviam posto o olho na possibilidade de transformar o modo como, dali em diante, o petróleo seria negociado nos mercados mundiais.

Foi o advento do “petróleo papel”, petróleo vendido em contratos futuros – contratos independentes de entrega do cru físico, que podem ser muito mais

facilmente manipuláveis por grandes bancos, cujos preços são muito sensíveis a boatos e a operações clandestinas sórdidas ‘de mercado’, e quanto mais sórdidas mais lucrativas. Esse ‘mercado’ era meia dúzia de bancos de Wall Street que denominavam as vendas futuras de petróleo e sabiam que posições preservar e que posições vender – função *insider* muito conveniente, da qual não se fala em reuniões sociais da boa sociedade.

Foi o começo da conversão do mercado de petróleo em cassino, no qual Goldman Sachs, Morgan Stanley, JP MorganChase e uns poucos outros bancos gigantes de Wall Street controlam as mesas de roleta.

Depois do aumento do petróleo da OPEP em 1973, quando o preço chegou a quase 400% em apenas alguns meses depois da Guerra do Yon Kippur em outubro de 1973, o Tesouro dos EUA enviou emissário de alto nível a Riad, Arábia Saudita.

Em 1975, o secretário-assistente do Tesouro dos EUA Jack F. Bennett foi enviado à Arábia Saudita para firmar um acordo com a monarquia, pelo qual o petróleo saudita e de toda a OPEP passaria a ser negociado exclusivamente em EUA-dólares, não mais em ienes japoneses, ou marcos alemães, ou o que fosse. Imediatamente depois, Bennett assumiu um alto posto na Exxon.

Os sauditas exigiram altas garantias militares e equipamento de ponta, em troca do ‘acordo’ e, daquele ponto em diante, por mais que países importadores de petróleo tenham protestado, o petróleo é vendido em dólares em todos os mercados do mundo, a preços determinados por Wall Street mediante o controle dos derivativos e do mercado de futuros, como se faz na Bolsa Intercontinental Exchange, *ICE* em Londres, na Bolsa de Mercadorias NYMEX, em New York, ou na Bolsa Mercantil de Dubai, que determina o preço de referência para o cru árabe. Todas essas instituições são propriedade de um fechadíssimo grupo de bancos de Wall Street (Goldman Sachs, JP MorganChase, Citigroup e outros). Foi quando se diz que o secretário de Estado Henry Kissinger teria dito que “Se você controla o petróleo, você controla nações inteiras”. O petróleo sempre foi o coração do Sistema EUA-dólar, desde 1945.

Importância do preço referencial russo

Hoje, os preços do petróleo que a Rússia exporta são fixados conforme o preço Brent negociado em Londres e New York. Com o lançamento do preço referencial da Rússia, isso deve mudar, provavelmente muito dramaticamente. O novo tipo de contrato para o cru russo em rublos será negociado na Bolsa Mercantil Internacional de São Petersburgo (*SPIMEX*).

Os contratos referenciados ao preço Brent são usados atualmente para fazer preço não só do petróleo cru russo. Fazem preço também de mais de 2/3 de todo o petróleo negociado internacionalmente. O problema é que a produção do Mar do Norte está caindo, a ponto de que hoje míseros 1 milhão de barris de Brent ali produzido fazem o preço de 67% de todo o petróleo comercializado no mundo.

Contratos denominados em rublos russos podem dar mordida considerável na demanda por petrodólares, tão logo comecem a aparecer.

A Rússia é o maior produtor de petróleo do mundo; a criação de um referencial independente para o preço do petróleo russo, que seja independente do dólar, é evento muito significativo, para dizer o mínimo. Em 2013 a Rússia produziu 10,5 milhões de barris/dia, pouco mais que a Arábia Saudita. Dado que país usa predominantemente o gás natural, os russos podem exportar 75% de todo o petróleo que extraem. A Europa é, de longe, o principal consumidor do petróleo russo, comprando 3,5 milhões de barris/dia, ou 80% do total das exportações russas.

O petróleo Urals Blend, mistura de vários tipos de petróleo russo, é o item mais exportado da 'carta' de petróleo russo. Principais consumidores são Alemanha, Países Baixos e Polônia. Para avaliar com mais clareza o peso do preço referencial que os russos estão criando, basta considerar que os demais grandes fornecedores de cru para a Europa – Arábia Saudita (890 mil barris/dia), Nigéria (810 mil b/d), Cazaquistão (580 mil b/d) e Líbia (560 mil b/d) – ficam muito abaixo da Rússia, na relação de fornecedores para a Europa.

E, também, a produção doméstica de petróleo na Europa já entrou em declínio acentuado. O petróleo extraído em toda a Europa caiu abaixo de 3 mi b/d em 2013, acompanhando o declínio ininterrupto também no Mar do Norte, base do **referencial Brent**.

Fim da hegemonia do dólar não prejudica os EUA

O movimento dos russos para negociar petróleo em rublos para os mercados mundiais, especialmente para a Europa Ocidental, e cada vez mais para China e Ásia pelo oleoduto SOOP (**Sibéria Oriental-Oceano Pacífico**) [ing. *ESPO, Eastern Siberia–Pacific Ocean*] e por outras vias, precificado pelo novo referencial russo, na Bolsa Mercantil Internacional de São Petersburgo não é, de modo algum, o único movimento concebido por países dependentes do dólar, para escapar dessa dependência na compra de petróleo.

Em algum momento, no início do próximo ano, a China, segundo maior importador de petróleo do mundo, planeja lançar seu próprio contrato para compra de petróleo a ser pago, não em dólares, mas em yuan chineses – a ser negociado na Bolsa **Internacional de Energia** de Xangai.

Passo a passo, Rússia, China e outras economias emergentes estão tomando medidas para reduzir o muito que dependem do EUA-dólar, para se “desdolarizar”. Petróleo é a mercadoria mais negociada no mundo e quase inteiramente em EUA-dólares. Se essa relação desigual for rompida, a capacidade do complexo industrial militar norte-americano para fazer guerras sofrerá duro baque.

Talvez assim se abram algumas portas para ideias mais pacíficas, menos belicistas, sobre como gastar os dólares dos contribuintes norte-americanos

para reconstruir a infraestrutura básica da economia dos EUA, hoje reduzida às mais escandalosas ruínas.

Em 2013, a Sociedade Norte-Americana de Engenheiros Civis estimou em \$3,6 trilhões o investimento em infraestrutura básica de que os EUA carecem, se for feito nos próximos cinco anos (se demorar mais que isso, os números crescem).

Aquele relatório informa que de cada nove pontes nos EUA, mais de 70 mil pontes em todo o país, estão em estado precaríssimo. Quase 1/3 de todas as grandes rodovias nos EUA estão em más condições. Só dois, dos 14 grandes portos que há na costa leste têm condições de receber os super cargueiros que em breve estarão chegando pelo recém alargado Canal do Panamá. Já há no mundo mais de 224 mil quilômetros de trilhos para trens de alta velocidade; nem um metro deles em **território dos EUA**.

Esse tipo de gasto em infraestrutura básica seria fonte muito mais economicamente benéfica de empregos reais e de renda real para os EUA, que as infundáveis guerras de que John McCain fez meio de vida. Investimento em infraestrutura, como já escrevi incontáveis vezes, tem efeito multiplicador na criação de novos mercados. Infraestrutura cria eficiências econômicas e arrecadação da ordem de 11 dólares para cada dólar investido, porque toda a economia ganha eficiência.

Declínio dramático no papel do dólar como moeda mundial de reserva, se combinado com foco concentrado, à moda russa, na reconstrução da economia nacional, em vez de deslocalizar tudo, terceirizar tudo em todos os casos, seria excelente caminho para reequilibrar um mundo já completamente enlouquecido com tantas guerras.

Por paradoxal que pareça, a desdolarização – que negue a Washington os meios para financiar guerras futuras com o que o país recebe de chineses, russos e outros compradores de papéis da dívida pública dos EUA – pode vir a ser valiosa contribuição para um mundo de paz genuína. Não seria ótimo, para variar? *****

[1] Orig. *Brent price*. “Brent” é uma categoria de petróleo cru, que se subdivide em Brent Crude, Brent doce leve, Oseberg e Forties. O Brent Crude é originário do Mar do Norte. O nome ‘Brent’ foi criado por uma política interna da Shell, que originalmente denominava seus campos de produção com nomes de aves (neste caso, **o ganso de Brent**, ave típica do Mar do Norte) [NTs].

9.5 Reasons Why Leftists Should Defend Russia

Eric Draitser

Region: [Russia in the World](#)

As tensions between the US and Russia have increased in the last year, so too has the polarization of public opinion. While the western corporate media has reverted to its formerly antagonistic, Cold War era attitude toward Russia – predictably radicalizing much of western public opinion, infusing the discourse with a decidedly Russophobic bias – it has increasingly been left to those on the political margins to deconstruct the false narrative, expose the Empire’s agenda, and defend the right of sovereign nations to act independent of western diktats.

And it is here, on the political margins, where many are willing to speak out against the US agenda in Ukraine and beyond, where the real fight for hearts and minds is taking place. The political mainstream will simply go along with the narratives presented to it by the Empire’s compliant media, thus ensuring its continued impotence and irrelevance to policy. However, a loud chorus of critics, dissidents, and anti-imperialist voices is becoming increasingly impossible to ignore.

And while on the far right libertarians and paleoconservatives are engaged in their own internal conflict over support for Russia and President Putin, so too is there an internal, quasi-ideological confrontation taking place on the left.

Many self-proclaimed “leftists” have merely transposed their anti-Soviet politics into an anti-Russian ideological posture, which sees in Russia both an embrace of capitalism and a desire for imperial revanchism. In this way, such groups (numerous on what passes for the “organized Left”) run interference for the political establishment, serving to dilute the potency of an anti-imperialist message through internecine conflict, demonization, and sectarianism. They proclaim that there is nothing about Russia worth defending for leftists. But is this true?

Here are a few reasons why those on the left who argue that Russia is “no better than the US” are either plainly ignorant, or they have ulterior motives:

- 1. Opposing US-NATO.** Any self-described “leftist” should immediately question their own position when they find themselves on the same side with Washington and NATO on questions of foreign policy, war and peace. Russia has consistently (and with increasing assertiveness in the last few years) opposed the Empire’s agenda in various corners of the globe.

In Syria, Russia (with China following its lead) has become the leading global voice of resistance to the US-NATO-Israel-GCC agenda that has destroyed the lives of hundreds of thousands of innocent men, women, and children. Exercising its veto power at the UN Security Council, Russia has prevented a US-led war on Syria at least twice, each time supplying important intelligence information that cast doubt on the US narrative that conveniently blamed Assad for every single atrocity in that foreign-backed war on his country.

In Ukraine, Russia has effectively ended the eastward march of NATO expansion, drawing its red line, and demonstrating to the world that the once subservient “non-Western” developing economies will not be made into mere supplicants subject to the whims of power brokers in Washington, London, and on Wall St. Moreover, Russia’s rejection of the US-instigated coup in Ukraine, and its subsequent support for the rebels of Donetsk and Lugansk, has demonstrated to the world that western soft power is not some inexorable force, but is instead a carefully manipulated political weapon that can be blunted with sufficient planning and popular resistance.

2. BRICS, SCO, and “Multi-Polarity.” Russia is, along with China, the driving force behind the establishment, and continued development, of non-Western international forums such as the BRICS grouping, the Shanghai Cooperation Organization, the Eurasian Economic Union, and a handful of others. These platforms for international cooperation have one important feature in common: they are not dominated by the United States.

Since the dissolution of the Soviet Union, nearly every major international institution has, in one way or another, been dominated by the United States. From its political hegemony in the United Nations, to the levers of its economic dominance in the IMF, World Bank, and other international financial institutions, to its global military capabilities in the form of NATO and similar military architecture, the United States has acted as judge, jury, and executioner around the globe. In effect, this could best be described as US global hegemony. Put in slightly more traditional, though no less accurate, leftist terminology, this could rightly be called US imperialism.

And so, why would anyone who truly believes in the political, moral, and ethical bankruptcy of US imperialism not want to support those forces rising globally to challenge it? It is seemingly a “no-brainer” that those who believe US hegemony and imperialism to be one of the scourges of the planet should be promoting any forces providing a counterweight to it. And yet somehow many leftists are convinced – partly, I would argue, from a decades long ideological and political decay coupled with the cumulative psychological effects of multi-generational propaganda and red-baiting – that Russia today is no better or worse than the US, merely a rival. Of course, this sort of anti-historical analysis is silly, if not dangerous. Considering the US global military footprint in nearly every country, its influence and power manifested in myriad ways all over the globe, its perpetual wars, etc., only a fool could make such a comparison with a straight face and then ask to be taken seriously.

3. Opposition to Shock Therapy and Disaster Capitalism. A primary preoccupation of many on the Left has been to oppose the twin evils of IMF “shock therapy” and “disaster capitalism,” both fundamental parts of what has come to be known as the “Washington Consensus.” These phenomena include privatizing and selling for scrap the institutions of the state once it enters into political and/or economic collapse while, simultaneously, demanding “economic liberalization,” which is merely coded language for austerity on the one hand, and plunder on the other. Such policies can really only be implemented in times of great crisis and near total collapse, either from political, economic, or even natural disasters. It has been done countless times, from Chile in 1973 to New Orleans after Hurricane Katrina, to Haiti still today.

However, the most infamous, and globally significant, example of this sort of shock therapy and disaster capitalism came in Russia in the 1990s. There, the institutions of the one-time superpower were stripped of their most valuable component parts and sold on world markets, primarily to US and European investors through the intermediaries of a parasitical class that has come to be known as the “Russian oligarchs.” This formation of a new capitalist economic elite on the wreckage of a formerly socialist (the degree to which the Soviet Union was truly ‘socialist’ is not going to be debated here) state is the quintessential template for how disaster capitalism works. Those on the left who seemingly opposed these policies in Latin America and elsewhere somehow conveniently forget the tough road that Russia has had to travel to claw its way back to global relevance.

Or their argument goes that one set of oligarchs was simply replaced by another set dominated by President Putin. Naturally, they conveniently leave out the part about re-nationalization of certain vital industries, restarting Russian economic production, raising standards of living from the deplorable state of the early 90s, improved infrastructure, medical services, and so on. All these things, you know, the material conditions of life for millions of people, somehow become irrelevant when set against a seemingly moribund orthodoxy.

4. WWII, The Holocaust, and Defending Historical Memory. Since the end of the Soviet Union, many right wing, reactionary, and often fascist, tendencies have emerged throughout the former Soviet bloc. These movements, far from preaching “conservative values” in any way recognizable in the West, rather root their politics in a vehement hatred of the Soviet Union/Russia and communism in general. Their hatred however is not manifested in some search for historical truth, but rather in an insidious attempt to rewrite history, casting themselves and their fascist antecedents as “patriots struggling against Bolshevism.”

This whitewashing of history is being vigorously promoted by the US and many of its European toadies who, for political reasons, want the historical narrative to be written in such a way as to make an equivalence between the Soviets/communism and the Nazis/fascism. It does not take exceptional perceptive powers to see the agenda behind this. In making such an equivalence, the US is then able to present itself as the great hero of the

20th Century, having defeated the “twin evils” of fascism and communism. Of course, such historical fiction is what passes for truth these days in the West.

Perhaps this agenda, long understood by many on the Left, though increasingly forgotten by the 21st Century ‘Left’, goes a long way to explaining the seemingly limitless support that the West provides to fascists in Ukraine where, just as more than 70 years ago, fascists are mobilized to counter the Soviets/Russians. Of course, it should be remembered that the Ukrainian Nazis, followers of the degenerate collaborator Bandera, care not that Russia is not communist, as for them it is the “Moskals” (pejorative term for Russians) that must be “cleansed from the nation.” It is this blind hatred of Russia that makes them the darling of the US, which is the primary reason why they are described as “nationalists” and not rightly as Nazis.

The Holocaust is also critical to this story. As the 70th anniversary of the liberation of Auschwitz by the Red Army was just celebrated, perhaps it is worthwhile to examine just how much history has been erased. It was, after all, the multi-national Soviets (Russians, Ukrainians, Belarusians, Kazakhs, etc.) who liberated most of the concentration camps, including the infamous Auschwitz, only to find that 70 years later, Russia is not invited to commemorate the event. In the Baltic states, as in Ukraine, you hear talk of monuments commemorating the “heroes” who “fought communism.” But who are these heroes? And when did they “fight communism”? That part is conveniently left out of the story, lest the veil of historical amnesia be lifted to reveal that these are monuments to Nazi collaborators and other fascists.

So, these are monuments to perpetrators and participants in one of the worst genocides in history, one that attempted to cleanse Jews, Romani “Gypsies”, homosexuals, the mentally handicapped, and other “undesirables” from the face of the earth. In cities like Lviv, the very existence of the Holocaust is denied, let alone the city’s heinous role in it. There was no rounding up of Jews in the streets. There was no cheering for the Nazi invaders. There was no collaboration. Or so they would like us to believe. And the US and Europe allow this narrative to fester, like an infection spreading through the body politic of Europe.

Only Russia is countering this historical erasure, reminding everyone that their “Great Patriotic War” was the salvation of Europe, the salvation for millions of Jews, the salvation of freedom. This clashes with the Russophobia, creating a sort of cognitive dissonance that has become all too pervasive in recent years.

5. Political Support for Victims of US Imperialism. There is an undeniable trend manifesting itself in recent years, namely that countries under assault by the Empire now have a friend, if only for political expediency, in Russia. As Moscow has become more assertive in its foreign policy, it has consistently begun placing itself as the defender of nations being attacked. So, Russia has been the lone power (with China following Russia’s lead) blocking US aggression against Syria. Russia has extended a friendly hand to DPRK (North Korea). Russia has maintained comradely relations with Venezuela, Bolivia, Nicaragua, and Ecuador. Russia had continued expanding its political,

economic, and military cooperation with Iran. These are not insignificant developments as they represent a growing awareness both in Moscow and around the world that Russia is willing to act as a counterweight to US geopolitical ambitions and hegemony.

Of course, Russia has self-interested reasons for doing this, as all states do in their political decisions. However, it is equally true that Russia increasingly sees its role as a defender of countries victimized by the US-EU-NATO order.

The importance of this assertiveness in defending such states is perhaps most clearly illustrated by the negative example: Libya. In 2011 Russia, under then President Medvedev, chose not to veto UNSC Resolution 1973 which authorized a “No Fly Zone” in Libya which, to no one’s surprise, was immediately transformed into a de facto authorization for war. Russia’s refusal to veto the measure – a decision Medvedev has since admitted was regrettable – is a principal reason why the US-NATO were able to carry out their vicious war against Libya, topple Gaddafi, throw that country into chaos, and destabilize the whole region. What if Russia would have vetoed and there would have been no resolution? Would the Libyan state still exist, rather than being the chaotic failed state it is today? Would all those lethal weapons have fallen into the hands of Al Qaeda in the Islamic Maghreb (AQIM), Boko Haram, and other terror groups? Would North Africa be as dangerous as it is today? The answers are painfully self-evident.

Russia is vital to maintaining stability and some semblance of imperial restraint on the West. Its steadily stronger responses to the US and Europe demonstrate that perhaps, finally, the Russian political elite are beginning to realize this. Perhaps they have finally understood that rather than constantly waxing poetic about their “Western partners” and looking for any way to further integrate themselves into a Western-dominated system, they must strike out on their own, blaze their own trail, and show some backbone in the face of the ever-present US boot on the neck.

If it is true that Russia’s political elite have finally recognized their own global importance, the world will benefit. Hopefully, some on the so-called Left will also come to this realization. If not, then they should cease to call themselves anti-imperialists, and instead admit what they really are...the left flank of the Empire.

Eric Draitser is an independent geopolitical analyst based in New York City, he is the founder of StopImperialism.org and OP-ed columnist for RT, exclusively for the online magazine [“New Eastern Outlook”](http://NewEasternOutlook.com).

0

10. Putin e o MURO contra o mal ocidental (NWO)

http://english.pravda.ru/business/finance/28-02-2012/120637-Putin_and_the_tall_wall-0/

Pravda.Ru - 04 de março de 2012 - Por Olivia Kroth

Vladimir Putin deve estar fazendo algo certo, porque os EUA não queria que ele se tornasse o Presidente da Federação Russa. O que quer que os EUA não queira nesse caso é o que vai ser bom para a Rússia, o que quer que os EUA queira, pelo contrário, vai trazer o mal. É tão simples como isso. Não é necessária matemática superior para descobrir que Vladimir Putin apresenta um grande obstáculo ao projeto de domínio mundial dos EUA. Os três países aliados, a Rússia, a China e o IRÃ detêm uma parte significativa do território eurasiático (e das suas imensas reservas minerais e de energia em gás e petróleo), formando uma "parede muito alta contra o mal ocidental (a NWO-Nova Ordem Mundial)", como a Press TV iraniana formulou na mídia essa questão.

Inaugurado o primeiro oleoduto entre Rússia e China: A exportação de commodities energéticas fortalecem objetivos russos. O dia primeiro do ano novo chinês foi comemorado diferentemente este ano nas regiões mais afastadas da Sibéria russa e da Mongólia Interior da China. Os habitantes daqueles lugares deram as boas-vindas ao ano novo com o forte odor do petróleo cru, abrindo os registros de um oleoduto que começou transportar petróleo da cidade russa de Scovorodino até a cidade de Dangching, na China. Trata-se de um ramal de gigantesca importância política e econômica do oleoduto do Leste Siberiano-Oceano Pacífico (Espo, sigla em inglês), que eleva em novos níveis a cooperação energética entre Moscou e Beijing.

Ano passado, russos e chineses formalizaram acordo segundo o qual a Rússia transportará através do oleoduto Espo 300 mil barris de petróleo por dia para a China, ao longo dos próximos 20 anos, totalizando 300 milhões de toneladas de petróleo. O início das operações do novo oleoduto significa, por um lado, a imediata duplicação das exportações russas de petróleo para a China e, por outro, a importantíssima redução de custo de seu transporte, considerando que até agora quase o total de petróleo exportado para a China era transportado por trens, modalidade cujo custo é mais caro.

Pagamento adiantado

A extensão do oleoduto Sibéria-Pacífico até agora é de 2.757 km. Mas, em 2013, quando sua construção será totalmente concluída, aumentará para 4.070 km, tornando-se o maior oleoduto do mundo. E dos portos russos do Pacífico, o governo de Moscou poderá entregar petróleo praticamente na porta ao Japão e à Coreia do Sul, além da China, enquanto, paralelamente, terá acesso aos mercados do Sudeste Asiático (Vietnã, Tailândia, Malásia e outros). Como poderá facilmente alguém imaginar, a construção de um oleoduto de 4.070 km

como o Espo é uma obra caríssima: Seu custo total é calculado em torno de US\$ 25 bilhões, financiado totalmente pelo governo russo, a exemplo de todos os demais oleodutos e gasodutos operados e administrados pela gigantesca empresa estatal russa Transneft.

Obviamente, trata-se de investimento de elevada lucratividade. Em troca do prolongado acordo de fornecimento para China de 300 milhões de toneladas de petróleo durante os próximos 20 anos, o governo chinês concederá à Transneft e à igualmente empresa estatal russa Rosneft empréstimos totalizando US\$ 25 bilhões, pagando praticamente adiantado o petróleo que receberá ao longo de 20 anos. O excelente clima de cooperação criado pelo euforia sino-russa por causa do início do fornecimento de petróleo fez com que, China e Rússia iniciassem negociações para entrega de gigantescos volumes de gás natural russo à China. Está já em negociação a entrega para China, durante os próximos oito anos, de 70 bilhões de metros cúbicos de gás natural anualmente, volume que representa a metade do gás natural exportado pela Rússia à Europa.

Ásia independente

Dentro do clima descrito, a cooperação sino-russa já avançou também no setor de carvão. A Rússia já fornece à China 2/3 do volume total de carvão de que esta necessita, e a China já concedeu empréstimos de US\$ 6 bilhões contra entrega de carvão durante os próximos 25 anos. Petróleo, gás natural e carvão. Tudo isso no impressionante âmbito de acordos de longo prazo, com duração entre 20 e 25 anos. É óbvio que tanto Rússia, quanto China atribuem caráter estratégico à sua cooperação energético. Já passou – sem volta – a época quando o Ocidente detinha o controle do setor petrolífero e energético de um modo geral.

A Rússia, através do gasoduto Sibéria-Pacífico, já detém o mercado da Ásia, reduzindo sua dependência aos mercados consumidores da Europa. Ainda, a China promove, metodicamente, sua dependência de petróleo do Oriente Médio, o qual é controlado política e militarmente pelos EUA. Já o Irã, sob a pressão do bloqueio norte-americano, desliga-se, gradualmente, dos mercados do Ocidente e promove seu petróleo cada vez mais para a Ásia – China, Japão, Paquistão e outros – operação esta que garante o abastecimento da Ásia por fontes não controláveis pelo Ocidente. (<http://www.geodireito.com/novo/?p=3439>)

Com Putin como Presidente da Federação e da RUSSIA, o Ocidente pode esperar que a Rússia vai se virar mais para o lado da Ásia Central. Ele já anunciou que vai continuar o reforço das relações com as repúblicas do espaço político pós-soviético e cooperar estreitamente com os países da SCO. A Organização de Cooperação de Xangai {(SCO) foi criada para se contrapor aos interesses da OTAN na região da Ásia Central} foi fundada em 2001 em

Xangai, na República Popular da China. Os membros atuais são a China e a Rússia, como principais forças motrizes, juntamente com o Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. Índia, IRÃ, Mongólia e Paquistão têm estatuto de observadores. A Belarus e o Sri Lanka são parceiros de diálogo, enquanto o status do Turcomenistão é o de atendimento como convidado.

Países da SCO cooperam em conjunto na área de segurança militar, mantendo regulares exercícios militares conjuntos na Eurásia. Como observou o escritor iraniano Hamid Golpira, "o controle da Eurásia é a chave para a dominação global, e o controle da Ásia Central é a chave para o controle da Eurásia". Os estados membros da SCO estão prestando atenção a tudo o que pertence ao território eurasiático. O China Daily escreveu, "os países membros da SCO tem a capacidade e responsabilidade para garantir a segurança da região da Ásia Central." Conseqüentemente, as forças russas e chinesas controlam militarmente a periferia da Eurásia numa base permanente.

Todos os membros da SCO (Shanghai Cooperation Organisation), exceto a República Popular da China também são membros da Comunidade Econômica da Eurásia, com projetos de energia comuns no setor de petróleo e gás, exploração de novas reservas de hidrocarbonetos e recursos hídricos. O Mercado Interbancário entre países membros do SCO foi criado para ser independente de sistemas bancários internacionais. Vladimir Putin disse na cúpula da SCO em 2007, "Nós agora vemos claramente o defeito do monopólio em finanças do mundo e da política do egoísmo econômico. A Rússia vai participar na mudança da estrutura financeira global para que ela seja capaz de garantir a estabilidade e prosperidade no mundo. "(E isso esta diretamente em oposição em relação aos planos e diretrizes do governo oculto ocidental que realmente comanda as finanças internacionais)

Vladimir Putin e o Presidente chinês Hu Jintao

A Rússia e a China se envolveram em uma relação especial com muitos interesses econômicos comuns e militares, além de compartilhar uma enorme e extensa fronteira terrestre. Ambos os países assinaram um "Tratado de Cooperação amigável e de boa vizinhança" em 2001. Os principais campos de cooperação são a indústria de aeronaves, biotecnologia, ciência da computação, medicina e nanotecnologia. No dia 23 de novembro de 2010, o então primeiro-ministro russo Vladimir Putin e o primeiro-ministro da China, Wen Jiabao chegaram a um acordo sobre o comércio bilateral utilizando as suas moedas nacionais, rublos e yuans em SUBSTITUIÇÃO AO DÓLAR, o que desagradou profundamente (novamente) a elite financeira ocidental. A China é cliente da Rússia na compra massiva de petróleo e gás, bem como em exportações militares, tornando-se compradora de 30 por cento das vendas externas dos russos.

Com Putin como presidente da Rússia, o apoio agressivo dos países da União Europeia aos planos de expansão da OTAN vai ser controlado, como já é visto estando a se enfraquecer devido à falta de combustível e fundos financeiros. Putin poderia usar a diplomacia do gasoduto (e o fornecimento vital de gás) para dar um nó de gravata bem apertado no pescoço da UE. Após o desastroso resultado de sanções econômicas da UE contra o IRÃ e, literalmente, estando sentado no frio durante o último inverno, sem o petróleo iraniano, os líderes dos países europeus da UE vão certamente pensar duas vezes antes de irritar a Rússia. Se o fornecimento de gás russo for cortado, as luzes se apagam e o calor necessário durante o inverno acaba na Europa.

Os preços do petróleo já estão subindo alto. Se os preços do gás seguirem esta tendência, a UE poderia ser empurrada para o abismo da falência. Ele já está de pé perigosamente perto da borda do penhasco. "Você pode imaginar o que eu faria se eu pudesse fazer tudo que eu quisesse", Sun Tzu perguntou em seu famoso tratado de estratégia militar, "A Arte da Guerra". Putin é um homem educado e culto. Além de literatura russa em estratégia militar, ele poderia também ter estudado as obras do general e estrategista militar chinês Sun Tzu, que viveu no século VI aC

Putin enfatizou várias vezes que nunca usaria o fornecimento de gás russo, como uma forma de sanção contra a União Europeia e a OTAN; mas ele conseguiu de alguma forma dar as suas palavras como que um viés flexível e uma variedade de nuances de entendimento foram produzidos, atingindo desde o apaziguamento calmante até como uma ameaça sutil. Os parceiros ocidentais que também estudaram o trabalho do general chinês Sun Tzu, certamente sabem o que ele (Putin) quis dizer. "A invencibilidade reside na defesa", Sun Tzu sabia. Putin parece conhecer este estrategema muito bem. Ele está a modernizar e fortalecer as Forças Armadas russas. Os planos russos para a indústria de defesa poderiam soar como barulho de sabres nos ouvidos ocidentais, mas são considerados necessários para a dissuasão e segurança da Rússia, Putin apontou.

A Rússia sempre foi uma superpotência desde os seus velhos tempos como um Império. Após a dissolução da União Soviética, a Rússia afundou para seu menor ponto de não retorno, mas voltou a aumentar, como uma ave Phoenix que renasce das cinzas, a seu status de quase a sua idade de riqueza e glória. Isto tem sido pouca coisa. Os russos são gratos a Vladimir Putin por ter lhes dado de volta o seu orgulho na Rússia, por regatar a sua autoconfiança como cidadãos de uma grande nação com uma longa história e orgulhosa tradição.

"Você tem que acreditar em si mesmo", Sun Tzu escreveu. Putin certamente acredita em si mesmo, mas acima de tudo, ele acredita na Rússia. Aos olhos de muitos russos, Putin se tornou o símbolo do regresso da Rússia ao poder. Putin como Presidente vai endurecer a posição geoestratégica da Rússia, de

acordo com o analista mexicano Alfredo Jalife, que escreveu que Putin fará a "ressurreição de engenharia geoestratégica da Rússia ". A fúria dos principais meios de comunicação ocidentais (controlados) pode ser interpretada como um indicador seguro do sucesso sustentado de Putin na Rússia e fortalecer "a reorganização do mundo de uma perspectiva multipolarizada", de acordo com Jalife.

"A mais elevada forma de generalato é a de hesitar os planos do inimigo", Sun Tzu disse. Os Planos de Washington de dominar o mundo estarão definitivamente empacados pela Rússia, uma perspectiva que uma grande parte do mundo não alinhado está torcendo para que aconteça. Putin é um "espinho na carne de Washington," diz o analista germano-americano F. William Engdahl, que escreveu. "As oportunidades se multiplicam à medida que são apreendidas," Sun Tzu aconselha.

A dupla Putin - Medvedev vai aproveitar a oportunidade de continuar sua cooperação bem sucedida com a mudança de papéis, depois de Putin venceu as eleições presidenciais de 4 de março. Este é outro ponto de descontentamento para os observadores ocidentais que julgam a troca de função como sendo antidemocrático. Washington se enfureceu pelo fato de que Putin tem uma maneira diferente de definir a democracia.

Para Vladimir Putin, não é antidemocrático em tudo para trocar de cargo com Dmitri Medvedev, mas uma solução muito viável. "Democracia do Oriente encontra a Democracia do Ocidente ". Putin e Medvedev são ambos membros do Partido Rússia Unida e formam um conjunto inseparável. Washington está enervado porque não conseguiu semear a discórdia entre os dois principais políticos russos. A Formação de Putin como um oficial da KGB pode ser parcialmente responsável por sua tenacidade e inteligente visão. Em parte, é certamente devido ao seu caráter inato.

Ele parece ser inteligente, ter muito sangue-frio, um homem auto-disciplinado (não bebe álcool e nem fuma), um verdadeiro patriota russo com uma visão positiva para o futuro da sua terra natal. Ele não pode nem ser influenciado nem comprado. "Mova-se, se esta é a sua vantagem; espere o seu tempo, se não for vantajoso", Sun Tzu advertiu. A Rússia vem gastando o tempo. Agora parece que a Rússia irá se mover, e o mundo está muito em suspense, em relação à direção dos movimentos russos.

Vamos esperar para ver. A Rússia com Vladimir Putin como seu novo presidente pode ter muitas surpresas interessantes no balcão da loja.

Preparado para publicação por: Lisa Karpova

11.Rússia – Um caso histórico de ocidentalização induzida

Paulo Timm – Olhos d Agua, GO - 2008

A história da Rússia é bastante recente quando comparada aos grandes Impérios Orientais, de um dos quais, de certa forma, descende: o Mongol. Como se sabe o Grande Gengis Kahn, Rei dos mongóis realizou, no Século XIII da nossa era, a incrível façanha de unificar seu povo, semibárbaro, e marchar rumo à conquista da China .Dali esperava retirar não apenas a riqueza, mas uma cultura superior à de sua própria nação, e que viria iluminar os caminhos do futuro mongol. Realizado seu intento, ao ocupar Pequim, literalmente “Capital do Norte”, meados do Século XIII , onde deu início ao que viria a ser a Cidade Proibida, o grande Kahn tentou ocupar o Japão, mas esbarrou na resistência dos japoneses . Acabou voltando-se, então, para novas conquistas ao Ocidente, vindo aí a dominar grande parte das estepes russas e a histórica Pérsia. Nos amplos espaços russos, uma cidade caracterizou-se como capaz de ganhar a confiança mongol representando-a na cobrança de impostos e de administração daquelas vastidões: a ainda pequena Moscou.

Desde então, esta cidade cresceu em importância entre os russos, vindo, nos séculos seguintes, a lutar pela sua autonomia como capital de um novo Império.

Três grandes monarcas marcam este processo de luta pela unificação da Rússia e que medeia o Século XV: Ivan I, o fundador do império; seu filho Basílio e seu neto Ivan , o terrível.

Lembre-se que nesta época o mundo se resumia nos grandes Reinos Orientais, com destaque para o Reino Mongol, a China reduzida ao Sul, a Índia ainda esfacelada em uma multiplicidade de Reinos; o mundo muçulmano estava dividido em dois campos: os reinos árabes do norte da África e do oriente Médio e o Império Otomano sob hegemonia turca e que viria, em 1453, a ocupar a sede do remanescente Império Romano do Oriente -em Constantinopla- , com base na qual chegou até desmoronar-se ao final da I Grande Guerra Mundial abrindo espaço para a reconstituição da Grécia e novos países na margem oriental do Mediterrâneo e Ásia Menor, especialmente o Iraque. A Europa Ocidental saía do feudalismo e estava ainda dividida em inúmeros pequenos reinos e condados com exceção de Portugal, que fizera sua precoce autonomia nos ano de 1381 e Espanha, graças ao casamentos dos Reis Fernando e Isabel de Castela e Aragão, em meados do Século XV.

O nascente reino da Rússia, vindo a constituir-se neste momento, sofreria a influência de Constantinopla, que sobre seu território deitava o credo católico ortodoxo, mas , mais ainda, os resultados de sua capitulação frente aos turcos em 1454. O Rússia nasce, praticamente, na mesma data da queda de Constantinopla. Vitorioso contra os mongóis, o novo soberano russo , Ivan, procurará numa filha desta cidade, os vestígios de uma bênção que lhe faltava

para inaugurar uma dinastia de inspiração divina . Casa-se com uma suposta descendente da linhagem do grande César e adota sua denominação russificada “Tsar”, o maior dos maiores.

A Rússia inicia, dessa forma, sua desarticulação milenar do continente asiático pelos longos braços da Constantinopla decaída e do catolicismo ortodoxo destronado de sua centenária cidadela . Pedro, O Grande, no início do Século XVIII, persiste nesse processo, construindo São Petersburgo, às margens do Volga, como uma janela para o Ocidente. E Lênin, com a Revolução Bolchevique, em 1917, o consolidaria. Quando a Rússia emerge dos setenta anos de um regime comunista tão autoritário como o tsarismo que combateu e destronou -liquidando a Família Real Romanoff - , não será ainda uma parte integrante do denominado mundo ocidental , nem de suas instituições, tais como o Mercado Comum Europeu e a Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN, contra o qual se batera , à morte, na Guerra Fria. Mas tampouco era um país oriental, apesar das alianças geopolíticas e históricas que ainda o ligam a muitos de seus países.

Voltando atrás, vamos ver que em

janeiro de 1547 , quando os sinos de Moscou dobram pela coroação de Ivan, denominado “ Terrível”, pela sua crueldade no poder, como Czar, título herdado do seu avô, Ivan o Grande, que havia libertado o condado de Moscou dos mongóis ao final do Século XV, a Rússia já era maior do que toda a Inglaterra . Mas instaurando um regime , além de autocrático , cruel, Ivan O Terrível não se satisfaz . Desejava uma saída para o Mar Negro, como mais tarde, outro herdeiro do trono russo almejaria a saída para o Báltico. , ambas alcançadas com o sacrifício de inúmeras guerras, Com a queda da Fortaleza de Kazan , ainda na posse dos mongóis, Ivan O Terrível empurra a fronteira da Rússia para o sul . Ele expandiu o império a razão de 130 km² por dia.

Ivan Ivanovich, o Terrível , imortalizado nas telas pelo grande cineasta russo Eisenstein era filho do Czar Basílio.. Em 1560 veria Moscou em chamas e neste grande incêndio perde a única mulher que o acalentava , Anastácia. A morte desta mulher é parte de um processo provavelmente doentio de Ivan , no qual vai sentindo-se ameaçado pelos que o cercam e perdendo a confiança de seus auxiliares e nobres proprietários , os boiardos. A tal ponto que cunhou-se, à época, esta frase: “Quanto mais próximo de Ivan mais perto da morte”.

Foi neste momento que começou a ser chamado de Ivan O Terrível .

Em 1564 seu principal general desertou e denunciou o Czar. As acusações deste General –Kusik- levaram Ivan ao delírio, desatando sua ira no assassinato de um sem número de auxiliares e nobres. Logo depois, alucinado pela idéia de perseguição abandona simplesmente o poder. Abdica, evade-se de Moscou , supostamente para sempre, dizendo que não podia suportar a deslealdade. Sai entregando-se à própria sorte. Deixa a Rússia à deriva entregue ao seu inverno inclemente, sem governo e sem qualquer autoridade capaz de impedi-la do desmoronamento interno. Mas é exatamente este “clima” que o traz de volta, aclamado pelo povo, numa tentativa de evitar o

esfacelamento do Império. Sempre houve a crença, nos regimes monárquicos absolutistas fundados numa concepção de que os reis reinavam por mandato divino que, sem eles, os Impérios se desintegrariam. Curiosamente, foi esta mesma inspiração que séculos mais tarde, quando da Independência do Brasil, em 1822, também contribuiu para a fundação do regime monárquico sob a Coroa de Dom Pedro I. Mas, retornando à Rússia e ao trono, Ivan dá início a uma verdadeira cruzada santa contra seus supostos inimigos., alguns nobres boiardos e, provavelmente, alguns membros da Igreja ortodoxa. Dilacerada, porém, pelos anos malditos de Ivan, o Terrível, a Rússia se desorganiza politicamente e abre seus flancos para os velhos inimigos que outrora a dominavam. Em pouco mais de oito anos os mongóis se rearmam e atacam a Rússia, ocupando e destruindo Moscou, no que viria a ser, com os séculos, um estigma desta cidade. Nos anos seguintes fome e doenças dilaceraram todo o país matando mais da metade de sua população. Mas enquanto viveu e reinou Ivan resistiu, sobrepôs-se à crise e ampliou seus horizontes de conquistas. Aliás, tanto políticas e territoriais como amorosas, cobiçando à tentativa de casar com uma princesa da Inglaterra, Maria Stuart. Em seus delírios, aventuras e festins era acompanhado por seu filho mais velho, fruto do grande amor que perecera no incêndio de Moscou e que partilhava de semelhante temperamento e ambições. Mas nem este filho escapou-lhe à sanha cruel e por ele acabou assassinado. Tendo desaprovado seu casamento, quando o mesmo chegou a idade adulta, o Czar passou a ser grosseiro com sua escolhida. Chocado, o filho lançou-se contra Ivan levando-os ao rompimento. Não faltou muito tempo para ser assassinado pelo próprio pai. Envelhecido e cada vez mais solitário no seu mundo de alucinações febris e perseguições Ivan não esmoreceu em sua crueldade e ainda mandou executar muita gente renovando, sempre, seu regime de terror. Só viria a morrer a 18 de março de 1584, serenamente, numa mesa de xadrez. Mas, apesar da crueldade, da miséria, das guerras e de todo o sofrimento do povo russo Ivan, o Terrível havia transformado a pequena Moscovia, capital de um pequeno Reino, numa grande cidade e este Reino num Grande Império que viria a ter papel fundamental no contexto europeu e mundial até os dias de hoje. Sem herdeiros, rompeu a linhagem, vinda da fundação do Império e abriu caminho para uma nova dinastia- os Romanoffs, que governaram até fevereiro de 1917, poucos meses antes de estourar o levante bolchevique. Internamente, contudo, a Rússia sofria. Seis Czares se seguiram a Ivan, de 1540 a 1610, tentando refazê-la dos traumas por ele causados.

Das cinzas e do caos vividos entre o final do Século XVI e grande parte do Século XVII, o Império Russo renasceria, em 1720, pelas mãos de um homem simples mas carismático: Pedro.

Entretanto, em 1610, por exemplo, em meio à crise russa a Suécia, então um próspero Estado, invade seu território ao Norte. A Polônia, também reorganizada, lhe segue de perto ameaçando a sobrevivência do Reino da Rússia. A Rússia estava praticamente exangue e em ruínas. Mas no ápice desta crise o Patriarca da Igreja Ortodoxa, resiste nas masmorras e chama o povo à resistência. Inesperadamente, um grande exército se improvisa e se sobressai na resistência, sob a liderança de Kimitri Kusski. Mas a Rússia era uma nação sem um soberano, uma nação sem um símbolo, numa época em

que as famílias reais cumpriam tal papel . Nobres, padres e membros da aristocracia rural procuram, então , um Czar e acabam encontrando-o no seio da família Romanoff. A escolha recai sobre o jovem Mikail Mikailovich. . Sob o reinado dos dois primeiros czares Romanoff a Rússia começa a se reconstruir e a época dos grande problemas , herdada de Ivan o Terrível, parecia ter chegado ao fim.. Mas os longos anos de desorganização, quando se dispersou a população e debilitou-se a nobreza exigem novas medidas para a reconstrução . Daí a instauração de um extemporâneo sistema de servidão ,em 1649, vinculando e prendendo os camponeses às terras dos aristocratas, com vistas a reforçá-los política e econômicamente. Um regime, na verdade, mais próximo da escravidão do que do feudalismo e que iria , nos séculos posteriores, a emperrar a modernização da Rússia, além de levá-la a várias revoltas que iriam minar a solidariedade no seu tecido social, até a Revolução de 1917. Mas a economia agrária se recompõe, o Império se expande do Pacífico até mar Negro , reconstituindo , ainda sua fronteira norte no Báltico . Tudo isto, entretanto, custaria novas guerras, novos sofrimentos, novas privações que viriam marcar a tormentosa história do povo russo.

A 30 maio 1672 novo grande entusiasmo em Moscou. A Corte delira com o nascimento de um herdeiro do Czar Alexei , chamado Pedro, filho legítimo da casa real , embora não fosse o mais próximo na linha de sucessão. Os seus meio-irmãos Fiodor e Ivan, , além da meia-irmã Sofia, filhos de um casamento anterior, lhe barravam o caminho sendo que , particulamente esta última, ambicionava o trono. E assim foi. Quando o Czar Alexei veio a falecer, Fiodor assumiu o trono mas governou por pouco tempo. No mesmo dia do seu funeral Sofia anuncia sua pretensão ao trono afirmando que “ inimigos” haviam assassinado o irmão . Claro que esta conhecida trama palaciana colocava em cheque a vida de Pedro, ainda criança, obrigando seus protetores a retirá-lo de Moscou para evitar a ira da meia –irmã que, por ser mulher, estava impedida de chegar à condição de czarina.. Ainda assim, Sofia consolidou-se no governo ficando , entretanto, sempre numa penumbra cujos cenário principal era ocupado pelos dois legítimos herdeiros do trono: Ivan e Pedro.

Pedro, muito jovem , fora de Moscou , com Sofia no comando do Governo , vai viver seu mundo à parte. Mas se preparava, em liberdade e com longos períodos vivendo nas capitais do Ocidente, para retomar Moscou e reclamar o trono. Nestas cidades viu as transformações ocorridas na Europa com a montagem de grandes potências em concorrência pelas riquezas do Novo Mundo, percebeu a importância de uma armada como instrumento de defesa e comércio destas potências, viu as mudanças ocorridas na estrutura social dos países europeus com o fim do monopólio da Igreja sobre os soberanos e a crescente importância de uma próspera burguesia comercial nos negócios de Estado. Percebeu, enfim, as mudanças já visíveis no espírito reinante na cultura européia.

Com efeito, em 1689. Pedro anuncia a seu irmão que chegara a hora de retomar o governo das mãos de Sofia. Em agosto desse ano, rumores de que Pedro ameaçaria Moscou levam Sofia a tentar impedi-lo. Tarde demais. Este reage e com o auxilio dos militares leais a seu pai retira Sofia de cena obrigando-a a se retirar para um convento. Estava encerrado o reinado tirano

de Sofia. Iniciava-se o Reinado de “Pedro, O Grande”, assim chamado tanto pela sua elevada e impressionante estatura, como pela sua capacidade de comando militar e do Governo.

O Reinado de Pedro, o Grande consolida as conquistas do Império Russo e o projeta com maior importância no cenário europeu. Não lhe falta sequer uma tentativa de compartilhar as conquistas do Novo Mundo com a Espanha, ao fundar a Companhia Russo-Americana que irá estimular a colonização do Alasca. A Missão Behring é cuidadosamente preparada durante dezesseis anos para sair, em 1741, mar afora, a partir de Kantchatka, no extremo oriental da Rússia, rumo à descoberta de uma passagem para a América. Daí até o início do século XIX os russos dominarão o comércio de peles raras e as rotas de comércio através das Ilhas Aleutas. Neste período contracenam com os espanhóis que avançam do México até a cidade de San Francisco, na Califórnia, encontrando-se estes dois movimentos colonizadores vindo de tão diferentes pontos de partida: O russo do Pacífico, na Ásia; o espanhol, do Atlântico. Quando da Proclamação da Independência dos Estados Unidos, em 1776, recém haviam chegado à costa oeste os primeiros povoadores europeus. Até então estas terras eram cobiçadas apenas pela sua fertilidade e clima ameno. Poucos suspeitavam de suas riquezas em ouro que, menos de século depois, a fariam o centro de um movimento migratório intenso e que a tornaria um dos mais ricos lugares do planeta. Castigado pela miséria de suas posições no Alasca um embaixador russo nesta região aporta, em março de 1806, em San Francisco, em busca de mantimentos. Aí encontra abrigo graças à promessa de casamento com uma das mais cortejadas e belas donzelas da época, chamada Concepción, filha do Comandante local da guarnição, com quem jamais se casará em virtude de morte precoce no retorno à Rússia. Mas fica, com isso, consolidada a ocupação russa ao noroeste da América.

Depois de Pedro, o Grande, a Rússia seguiu sob a dinastia dos Romanoff até o Século XX, quando, por ordem do grande líder da revolução soviética, Wladimir Lênin, determina o fuzilamento de toda a família real. Com o Czar são executados sua mulher, seu filho e três filhas, cujos corpos ficaram durante mais de setenta anos cobertos como um dos mais severos segredos de Estado. Com a derrubada do regime comunista, em 1991, o segredo foi revelado e os restos mortais da família real trasladados para o Mausoléu dos Romanoff em Moscou.

Mas entre Pedro, o Grande e o fim trágico da dinastia transcorreu para a Rússia um século inteiro – o século XIX- de grandes conquistas e realizações. Consolidou-se o imenso território russo, dos confins da Sibéria, passando pelo Báltico até o Mar Negro, firmou-se a monarquia absolutista como um bastião da defesa das autocracias europeias ameaçadas pelos ideais iluministas e pelas tropas de Napoleão, estas rechaçadas pelo Czar Alexandre, já dentro de Moscou (mais uma vez incendiada). Deste incidente Napoleão sairia para um retorno humilhante à França, para, afinal, capitular em Waterloo em 1812. Fortaleceu-se, no final do século XIX, a industrialização russa como uma vanguarda da tecnologia mundial, paralela à formação de uma configuração urbana de clivagem operária sem precedentes na história da humanidade, muito bem descrita num pequeno artigo de Trotsky: “1789-1848-1905.”.

Modificou-se , ainda, a rígida estrutura feudal da velha Rússia agrária com a emancipação dos servos em 1861 e, last but not least, e como resultado de todo este processo de mudanças internas, desponta no seu interior um vigoroso movimento revolucionário, primeiro com um grupo dissidente da elite russa denominado *narodnaia volia* – vontade do povo- , depois com os bolcheviques , disposto a levar às últimas consequências os ideais de modernização que acabariam deslocando crescentemente a Rússia em direção ao ocidente.

A verdade é que, de meados do Século XV até os dias de hoje forjou-se na Rússia um grande povo portador de uma cultura crescentemente secular e ocidental ,onde os valores de uma matriz existencial cristão-romântica fundada no amor, na fé na esperança se afirmam cada vez mais como critério de vida e de morte. Neste longo processo Ivan, o fundador da primeira dinastia, buscou nas ruínas do Império Romano do Oriente sua inspiração dinástica divina, Pedro o Grande, no Século XVIII, a materialidade da abertura para o Ocidente com a edificação de São Petersburgo e a colonização do Alasca, e Lênin, no Século XX, com a Revolução Social, o ideal de fraternidade do iluminismo. Todos eles, profundamente ocidentalizantes, mas sem qualquer submissão às instituições contemporâneas da União Europeia e Estados Unidos, no rastro da máxima grega que lhe serviu de umbral: “Proferir palavras e fazer ações sob o signo da razão”.

Anexo.

Análise do jornalista francês Michel Collon, sobre o papel da OTAN no mundo de hoje.

https://www.youtube.com/watch?v=h_3CCY3HJds&feature=youtu.be